

Attività di assistenza alla redazione
“Raccolta di racconti scritti da superstiti del
bombardamento atomico”

Memoriale nazionale della pace di Hiroshima
per le vittime della bomba atomica

Depoimentos de Vítimas da Bomba Atômica

Título	Escritor	Idade no Bombardeamento Atômico	Página
Enfrentando a perda de duas filhas pela bomba atômica	Makie Fujii	22	1
Escapei da morte por um triz	Jiro Shimasaki	14	5
Meu depoimento sobre a bomba atômica	Tsunematsu Tanaka	31	11
Em memória à minha mãe	Hiroko Kawaguchi	8	17
Nunca consegui esquecer o que aconteceu naquele verão	Chiyoko Shimotake	24	25
Que sorte!	Toshio Miyachi	27	33
Desejo de Paz para a Próxima Geração	Tokio Maedoi	12	39
As cicatrizes da guerra que nunca cicatrizam	Kyoko Fujie	9	45
Eu vi o inferno	Kimiko Kuwabara	17	53

Enfrentando a perda de duas filhas pela bomba atômica

Makie Fujii

● **Condições anteriores ao bombardeamento atômico**

Nossa família morava cerca de 100 metros da ponte Yokogawa no bairro Yokogawa 1 Chome, à margem leste do rio. Na época, vivíamos em quatro: eu, meu marido Kiyoshi e nossas duas filhas, Kazuko nossa primogênita de 3 anos de idade e Kiyomi, com 6 meses.

Lembro-me claramente que antes do bombardeio atômico, a cada sinal de alerta antiaéreo que soava, fugia com elas para nosso esconderijo, um abrigo subterrâneo que tínhamos cavado. Isso se repetiu por vários dias.

● **Condições do bombardeamento atômico**

Na manhã do dia 6 de agosto, como meu marido tinha recebido uma ordem de convocação militar, nesse dia tinha faltado ao serviço e estava em casa. Como haviam liberado o sinal de alerta antiaéreo, eu e as crianças brincávamos de pega-pega no segundo andar da nossa casa.

De repente, entrou uma bola de fogo ardente pela janela. Nesse instante, eu e as crianças caímos como se tivéssemos sido tragadas pelo piso.

Cerca aos meus pés, minha filha mais velha gritava: “Mãe, estou aqui! Mãe, estou aqui!”. Respondi, dizendo-lhe: “Kazuko, aguente mais um pouco que eu já vou te socorrer!”. Entretanto, eu estava presa entre a parede e vários objetos da casa e não conseguia mover nem sequer o pescoço.

Nessa hora, ouvi a voz do meu marido me chamando: “Makie, onde você está?”. Parecia que estava na parte de cima e me procurava por todos os lados. Depois de um tempo, comecei a sentir um calor intenso. E, novamente ouvi meu marido gritando fracamente: “O fogo começou a se alastrar, perdoe-me, não posso continuar a busca”. Eu dizia: “Estou aqui!”, mas ele não conseguia me encontrar. Estava soterrada, abraçada à minha filha caçula e quando ouvi meu marido dizer que estava desistindo da busca, abracei-a desesperadamente, e sem perceber, tinha tapado seu nariz e boca com os dedos e como ela não estava conseguindo respirar, chorou forte: “Buáá!”. Assustei-me com seu choro e gritei: “Nossa filha está morrendo!”. Provavelmente, meu marido ouviu esse grito, porque voltou e começou a nos buscar intensamente até nos encontrar. Ele abriu um pequeno espaço para que pudéssemos sair. Saí primeiro e em seguida puxamos nossa filha. Como tinha sofrido uma pancada na cabeça, estava com vertigens e não conseguia ficar em pé, porém o fogo se alastrava impiedosamente a nossa volta.

Depois de afastarmos do local, lembrei-me da nossa filha mais velha: “Querido, onde está Kazuko?”. Ele me respondeu: “Não foi possível salvar a Kazuko, ela estava

completamente sem movimento, por favor me perdoe!”

Eu caminhava, pedindo desculpas a ela dentro do meu coração: “Kazuko me desculpe! Perdoe-me! Perdoe-me!”

De um lado do braço, meu marido carregava nossa filha e de outro me apoiava e conseguimos fugir do local. Durante a fuga, ele me fortalecia com palavras: “Vamos, força! Mais um pouco, falta pouco!”. Meus olhos estavam ofuscados e somente pensava em fugir com a ajuda do meu marido. Como o fogo avançava de todos os lados, acho que não sobrou nada da casa.

Como meu marido carregava nossa filha e a mim, caminhávamos um pouco e descansávamos e assim fizemos o restante do caminho. Neste intervalo, uma mulher descabelada se arrastou aos pés do meu marido pedindo ajuda: “Por favor, ajuda-me! Minha filha ficou soterrada debaixo do pilar e não consigo salvá-la!”. Mas, meu marido disse-lhe: “Perdoe-me, queria muito te ajudar mas veja as condições da minha esposa e minha filha!”. Com isso, essa mulher saiu correndo para um outro lado. Depois disso, caminhávamos e descansávamos, caminhávamos e descansávamos e só no final da tarde, chegamos na casa de um conhecido do meu marido em Shinjo.

● Na casa em Shinjo

Ficamos nessa casa em Shinjo por três dias. Com o choque da bomba atômica, meu leite materno secou. Como estava acamada com dor nos pés, meu marido saía em busca de leite para nossa filha.

Não conseguia deixar de pensar na nossa filha mais velha que ficou soterrada na casa e que talvez poderia ter sido salva. Ao pensar que me salvei abandonando-a, e ao me lembrar que ela me pedia ajuda... não conseguia reter as lágrimas e sentia uma revolta incontrolável.

Nesse tempo que ficamos nessa casa, vi várias pessoas com queimaduras, caminhando sem rumo. E ao vê-las, não conseguia controlar o choro e procurava fechar os olhos para evitar estas imagens.

● Na casa dos meus pais em Yamaguchi

Depois de três dias, os trens começaram a funcionar. Com isso, eu, meu marido e minha filha, subimos num trem lotado na estação de Yokogawa e fomos até a cidade de Kogushi, na província de Yamaguchi onde meus pais moravam. Finalmente chegamos ao destino. Da estação, fomos a pé até a casa dos meus pais. No caminho, as pessoas não conseguiam passar indiferentes ao nosso estado deplorável e perguntavam: “O que aconteceu? O que aconteceu?”. Como a cidade era pequena,

todos nos conheciam. Ao passar por elas, minha voz não saía, somente lágrimas rolavam sobre o meu rosto, até que finalmente chegamos em casa.

A partir dessa noite, passei várias noites em claro, porque não conseguia dormir, arrependida por ter abandonado e não ter socorrido nossa outra filha. Com medo de que pudesse cometer um suicídio, minha irmã e minha mãe dormiam ao meu lado. Todos os dias sorrateiramente à noite, saía de casa e começava a gritar: “Perdoe-me, perdoe-me, perdoe esta mãe!”. Deixando-me em Yamaguchi com meus pais, meu marido voltou a Hiroshima para procurar o corpo da nossa filha, encontrando-o.

Como não tinha leite para amamentar minha outra filha, minha mãe procurou uma mãe que tivesse um bebê para pedir-lhe leite. Minha mãe me disse: “Você está com problemas nos pés, acamada e tem uma filha pequena, fique em casa até se recuperar!”. Eu passei cerca de um ano com ela. O problema nos pés continua até hoje.

● **Morte da nossa filha caçula**

Antes de completar um ano em Yamaguchi, voltamos para Hiroshima. Alugamos uma casa próxima à nossa antiga casa em Yokogawa.

Meu marido levava nossa filha para o banho público e um dia, ao ver nossa filha, um senhor comentou: “Parece que as costas dela estão um pouco inchadas”. Pensamos que tivesse batido suas costas no bombardeio atômico e levamos ao hospital. Como foi detectada uma supuração em quatro ossos da medula espinhal, levamos nossa filha novamente para a casa dos meus pais em Yamaguchi para cuidar dela, e depois de alguns anos, quando ela aprendeu a falar “pai, mãe” a trouxemos de volta para Hiroshima e a internamos num hospital. Pagávamos as despesas de tratamento com sofrimento e mesmo com a ajuda da minha mãe, infelizmente, tivemos que trazê-la para casa porque não conseguíamos mais pagar os gastos do hospital. Ela faleceu em 1952.

● **Sentimento pela paz**

Não quero que haja mais guerras. O meu desejo é um mundo onde todos os países se dêem as mãos. Que felicidade indescritível seria a realização de um mundo onde todos pudessem viver o dia-a-dia, respeitando mutuamente os sentimentos uns dos outros.

Escapei da morte por um triz

Jiro Shimasaki

Escapei da morte por um triz

● Aspectos do dia 6 de agosto

Naquela época, estava me dirigindo como um dos estudantes mobilizados para Mitsubishi Indústrias Pesadas, fábrica de máquinas de Hiroshima. Levava mais de uma hora até chegar ao local. Ia de trem de Saijo para Hiroshima e tomava o bonde urbano até chegar em Minami-Kannon-cho, onde se localizava a fábrica. Somos em cinco irmãos. Tenho um irmão e duas irmãs mais velhas e uma irmã caçula. Meu irmão mais velho estava prestando serviço militar em uma tropa em Kyushu.

Na minha vida escolar, quando estava na 2ª série ginásial (2ª Escola Pública Ginásial de Hiroshima) as aulas foram interrompidas e fomos levados às fábricas de todos os lados. Comecei a trabalhar na fábrica da Mitsubishi em Kannon a partir do final de 1944.

No dia 6 de agosto, no trajeto para a fábrica, eu e mais quatro ou cinco amigos, sofremos o bombardeio atômico. Acho que estávamos próximos do campo poliesportivo do bairro Minami-Kannon-cho, localizado a cerca de 4km do epicentro da explosão. Se, por um acaso, tivesse no próximo bonde, estaria dentro do bonde na hora do bombardeio atômico e teria sofrido diretamente a explosão e morrido na ponte Aioi. Sinto que escapei da morte por um triz.

Na hora da explosão, senti uma forte luz nas minhas costas e me lembro que meu pescoço se aqueceu. Em seguida, depois de um intenso vento, caí e desmaiei. Passados uns cinco minutos, recobrei os sentidos e ao abrir os olhos, vi somente os restos das vigas de ferro da fábrica que estava a cerca de 4km do epicentro e o telhado tinha sido arrancado pelo vento forte.

Pensei: “O que aconteceu?”. Dentre os colegas da escola, as opiniões se dividiam. Uns diziam: “Será que a fábrica sofreu um bombardeio de B29?”. Outros diziam: “Não foi um bombardeio de B29, acho que explodiram o tanque de gás no bairro de Minami-cho”. O alarme já tinha sido liberado. Às 8h15, não havia nenhum guarda na rua. Antes das 8h00, o alarme contra bombardeio aéreo tinha soado e depois, tinham mudado para alarme de precaução e por volta das 8h05, já tinham liberado o alarme. Eu escutei a sirene da liberação do alarme.

Depois, recebemos uma ordem: “Há um grande incêndio em toda cidade, voltem para suas casas”. Avancei para o lado leste durante a chuva negra. Atravessei o bairro Eba, Yoshijima e cheguei a Senda. Continuei em direção a Hijiyama e atravessei a ponte Miyuki. Quando atravessava a ponte, muitas pessoas puxavam meus pés e pediam:

“Água, quero água”. Eu não sabia o que estava acontecendo e nem que havia tantas pessoas machucadas e queimadas. Pensei que elas estivessem somente machucadas. Estava amedrontado porque puxavam meus pés e diziam: “Rapaz, me dá um pouco d’água, eu me machuquei, estou com sede ...”. Felizmente, não estava machucado e apesar de ver tanta gente machucada e meus pés serem puxados desesperadamente, procurei continuar a caminhar.

Ainda me lembro que quando caminhava na parte baixa da montanha Hijiyama, encontrei um soldado que estava com o corpo super avermelhado. Toda a pele estava pendida. Sua aparência era trágica. Ao me avistar, ele apontou para um cadáver e disse: “Vamos colocá-lo no carrinho, segure os pés.” Amedrontado, não consegui. Como a parte baixa da montanha Hijiyama estava afastada do epicentro da bomba, muitas pessoas não se machucaram gravemente e estavam ajudando a carregar os cadáveres. Provavelmente, esse soldado deve ter falecido alguns dias depois.

À noite, finalmente cheguei à estação de Kaita mas não tinha noção da hora. Passaram uma informação que, naquela noite, um trem faria somente uma viagem para o lado de Saijo. Provavelmente, esperei mais de uma hora na estação. Consegui entrar no trem super lotado e cheguei em Saijo e como estava muito escuro, não sabia se alguém tinha vindo me buscar na estação. Era uma época que tinham implantado o sistema de blecaute e não era permitido usar luz ou qualquer tipo de iluminação. Somente ouvia vozes de pessoas que tinham vindo buscar seus familiares: “Foi horrível, foi um pânico”.

● Aspectos a partir do dia 7

Recebemos uma informação de que um tio que trabalhava em Hijiyama tinha sido afetado pela bomba atômica e eu fui até Hiroshima com minha tia para procurá-lo. Minhas memórias são confusas e não me lembro claramente como fomos até Hiroshima, talvez tivéssemos ido de caminhão. Porém com as informações da possibilidade de ter sido recolhido para Ujina, no dia 7, saímos em direção a Ujina, logo ao amanhecer. Como tinha estudado durante três anos em Hiroshima, conhecia bem a cidade. Partimos de Saijo, e eu acompanhei a minha tia para guiá-la.

Conseguimos encontrar o tio no acampamento em Ujina. Lembro-me que o acampamento era um depósito próximo ao porto de Ujina. “Ah, essa pessoa também faleceu agora, temos que colocá-la lá fora”. Vozes de soldados que colocavam os cadáveres no corredor. Um soldado me pediu para deslocar um corpo: “Por favor, segure a cabeça”, mas eu com medo não consegui ajudá-lo. Um grupo de duas a três pessoas carregavam os corpos até o corredor. Uma moça de cerca de 20 anos estava

completamente queimada e sua pele estava negra e tinha sido colocada completamente nua sobre uma cama.

Trouxemos meu tio de Ujima até Saijo mas ele faleceu três dias depois, no dia 10. Ele foi cremado no crematório perto de casa. Eu também ajudei. Minha tia faleceu há dois anos atrás e eles só tiveram nove anos de vida matrimonial.

● **Vida após a explosão atômica**

Na nossa escola, as aulas recomeçaram no final de outubro ou no começo de novembro. No local onde ficava a escola em Kannon, tinham construído um casebre. Lembro-me que pela precariedade do local, mesmo em dia de neve, assistíamos às aulas tremendo de frio e não tínhamos aquecedores. Nesse casebre não havia janelas. Antes de retornarmos à escola, as aulas eram ministradas em escolas que não tinham sido destruídas, inclusive estudei nas instalações de uma escola feminina em Kaita.

Como eu tinha aspiração de continuar os estudos secundários, tive que frequentar as aulas. E aguentando o frio, assistia às aulas e apesar da falta de infraestrutura do casebre, estava grato pela oportunidade de estudar. Em virtude do antigo sistema escolar, formei-me na 5ª série. Estávamos em 1947. Depois, ingressei no Colégio Técnico Industrial de Hiroshima no bairro de Senda-machi.

Ao concluir os estudos, na década de 50, gradativamente os carros começaram a conquistar a sociedade e tive a idéia de abrir uma auto-escola. Junto com um conhecido, com uma pá na mão, começamos a preparar o percurso. Utilizei os conhecimentos que tinha adquirido no colégio técnico e obtive a licença para lecionar tanto as aulas teóricas quanto as práticas. Em 1960, comecei a trabalhar numa escola no centro da cidade, chegando ao posto de responsável geral.

Em 1966, pedi demissão da auto-escola. Meu irmão mais velho queria administrar um asilo e outras instituições e pediu a minha colaboração, a qual aceitei. Meu irmão atingiu o posto de presidente da associação médica e eu tinha muito orgulho dele. O nosso negócio era somente administrado pelo meu irmão mais velho e eu e, um dia de repente ele faleceu em consequência de um derrame cerebral. Triste, não consegui dormir por três dias e três noites. De carro, visitava as instituições de Miyajima, Yuki e outras. Eu dirigia nas viagens longas, acompanhando meu irmão que era o diretor do hospital. Eu sentia que a minha missão era dirigir o carro e assim, apoiava meu irmão no negócio dele. Meu irmão se dedicou aos estudos e eu aos esportes e tínhamos um bom relacionamento. Realmente foi muito triste quando ele faleceu.

● **Serviço, casamento e sequelas**

Já estou para cumprir as bodas de ouro. Na época do casamento, eu evitava dizer que era uma vítima da bomba atômica. Sabia que havia um certo preconceito contra as vítimas da bomba atômica e eu me lembro de ter dito à minha esposa: “Dizer que sofri a bomba atômica, sim sofri. Mas foi leve porque estava trabalhando na Mitsubishi, em Kannon Minami, a 5km da explosão. Eu não sofri nada e nem me machuquei”. Parecia que ela não se preocupou com o assunto. Meu filho é farmacêutico e tem conhecimento e consciência que é filho de uma vítima da bomba atômica. Quando nasceram meu filho e minha filha, eu estava preocupado e na hora, discretamente, verifiquei se havia alguma anormalidade.

A minha preocupação com a sequela era que mesmo transcorridos 10 anos, havia um nódulo atrás do pescoço. Não é um crescimento maligno, dizem que é uma neoplasia benigna. É um nódulo grande. Esse nódulo se formou justamente no local onde senti a luz no momento da explosão. Esse nódulo foi retirado mas, voltou a crescer novamente depois de 10 anos. Ultimamente não tem crescido mais. Além do nódulo, um dos sintomas à exposição nuclear é o enfraquecimento rápido dos dentes. Para outras pessoas, é a queda dos cabelos. Os sintomas diferem de pessoa a pessoa. No meu caso, os cabelos não caíram. Mas, todas as vítimas da bomba atômica têm um sintoma em comum: a facilidade de se cansar. Quando comecei a trabalhar, mesmo executando o mesmo serviço que meus companheiros de trabalho, cansava-me com mais facilidade e meu chefe achava que eu estava sendo negligente no meu dever. Era sempre advertido: “Todos fazem o mesmo trabalho que você e não se cansam e você se cansa com tão pouco!”. Para mim, a facilidade de me cansar foi uma grande desvantagem profissional.

● **Sobre a paz**

Para transmitir o significado da bomba atômica e da paz para as novas gerações, é necessário um pouco de criatividade da parte do narrador. Em fração de segundos, a bomba atômica destruiu prédios e tirou a vida de muitas pessoas. É imprescindível que esse fato seja transmitido com artifícios criativos. Porque dizer: “Foi terrível!” ou simplesmente “Sinto remorsos por não ter oferecido água às pessoas que pediam água” ou “Fugi porque o fogo se alastrava por debaixo da ponte”, são insuficientes para transmitir o fato. Dizer: “Vá ao Museu da Bomba Atômica no Parque da Paz. Ah, além do museu, há também a árvore da paz” não transmitem os horrores de uma bomba atômica. Talvez, uma simples exposição dos fatos transmita uma imagem errônea sobre a bomba atômica, e algumas pessoas pensem que a bomba seja

insignificante. Outro dia, um furacão passou por Hokkaido, causando muitas mortes. As imagens eram bem parecidas com a explosão de uma bomba atômica. Foram imagens violentas mas as pessoas puderam ter uma noção da realidade e com certeza, as crianças também compreenderam a situação através dessas imagens. Acredito que podemos fazer um paralelo de um desastre atual recente e transmitir sobre os horrores da bomba atômica, e acrescentar dizendo que em fração de segundos, a bomba atômica destruiu edifícios, incendiou a cidade e tirou a vida de mais de 200 mil pessoas.

Logo após o bombardeamento atômico, muitos fotógrafos profissionais das empresas jornalísticas Mainichi Shimbun, Asahi Shimbun, etc. vieram a Hiroshima e fotografaram a devastação causada pela bomba atômica. Os próprios profissionais da área jornalística, com experiência em vários campos de guerra, também diziam que nunca tinham visto um campo de guerra tão catastrófico como a devastação da cidade de Hiroshima pela bomba atômica. O que está ao nosso alcance para transmitir essa catástrofe ao mundo? Na minha opinião, é necessário que as pessoas elaborem melhor sua forma de exposição.

Por último, como eu estava matriculado na 2ª Escola Pública Ginásial de Hiroshima, perdi muitos amigos de séries inferiores, inclusive ultimamente perdi alguns companheiros de classe. Perdi meu único irmão. Sinto-me sozinho. Atualmente, estou com deficiência física e recebo os cuidados de minha esposa. Gostaria de viver por no mínimo dois anos mais, e uma vez por semana, talvez uma vez a cada duas semanas, transmitir às crianças e alunos de escola primária tudo que eu vivi até agora. Isso seria para mim, minha maior felicidade.

Meu depoimento sobre a bomba atômica

Tsunematsu Tanaka

● **Minha vida naquela época**

Eu estava com 31 anos e trabalhava na Companhia de Fornecimento de Energia Elétrica Chugoku (atual, Companhia Elétrica Chugoku) situada em Komachi. Vivia com minha esposa, Mikie, e dois filhos (o primogênito com 3 anos de idade e a primogênita com 7 meses) numa casa alugada no bairro Ohte-machi. Depois de concluir a Escola Ginásial de Onomichi, tirei a carteira de habilitação em fevereiro de 1934 e em seguida, fui contratado para trabalhar na companhia elétrica, por isso acredito que na época tinha 20 ou 21 anos de idade. Durante o tempo que trabalhava, fui convocado duas vezes para o serviço militar, de setembro de 1937 até janeiro de 1941 e de setembro de 1942 até novembro de 1943, intercalando com o meu trabalho.

No final de março de 1945, houve um terrível ataque aéreo em Kure, e aviões partiam do porta-aviões, parecendo um enxame de libélulas. Provavelmente, o antigo morador da nossa casa tinha cavado um abrigo no piso da casa e lá nos escondíamos a cada ataque aéreo. Entretanto, as crianças eram pequenas, uma estava com 3 anos e a outra com apenas 7 meses e mesmo fugindo para o abrigo antiaéreo, quando desviávamos o olhar de uma criança, outra já tentava sair do abrigo. Tivemos muito trabalho em controlá-las. Achando que não estaríamos seguros no local, pedi a minha esposa que se refugiasse com nossos filhos na casa dos pais dela em Mukoueta, no vilarejo Wada-mura que ficava no município de Futami-gun (atual Mukoueta no município de Miyoshi). Isso ocorreu no final de março. Guardamos os móveis e os outros utensílios da casa no depósito da companhia elétrica e eles se refugiaram somente com a roupa do corpo.

Depois que minha esposa e filhos se refugiaram, passei a viver no depósito da companhia. No começo de maio, fui revê-los aproveitando o final de semana e ao regressar, o depósito tinha sido destruído pela queda de uma bomba e estava completamente queimado. Como fiquei sem roupa de troca, voltei para o vilarejo e pedi para minha esposa confeccionar desde yukata (quimono de verão), camisas e inclusive, roupas íntimas e fui trabalhar na segunda-feira, pegando o primeiro trem. Como não tinha onde morar, um colega da empresa me apresentou um quarto no bairro de Ushita, aluguei esse quarto e aí vivi até o dia do bombardeamento atômico.

● **Condições do bombardeamento atômico**

Na época, tinha sido convocado para o serviço militar e minha função era manter guarda quando soasse o alarme antiaéreo à noite. A ordem de convocação era emitida pela prefeitura municipal e tinha que executar esse serviço de uniforme militar.

Revezávamos com os veteranos de guerra mas, como soou o alarme antiaéreo também no dia 5 de agosto, fui até a ponte Yanagui, minha área de guarda. Quando executávamos o serviço militar, no dia seguinte, podíamos entrar às 8h30 no serviço, 30 minutos após o horário normal, mas como não sabia dessa alteração, saí de casa para o trabalho no dia 6 de agosto no mesmo horário e cheguei às 8h00 na empresa. E graças a isso, fui salvo!

Como tinha chegado 30 minutos antes do horário, desci até o subterrâneo onde havia uma lavanderia e sala de banho para os funcionários e, agachado estava lavando o uniforme que tinha usado na noite anterior e de repente, fui arrastado por um vento forte de frente, chocando as costas na parede. Desmaiei no local. Excluindo o brilho intenso, não me lembro de mais nada. Quando abri os olhos, havia muita poeira e isso dificultava a visão, mas avistei fogo no 4º ou 5º andar. Como deveria tomar uma providência, recobrei os sentidos completamente. Em meio ao intenso pó, sem enxergar nada à frente, fui tateando, procurando a saída. Confiando na minha memória, sabia que havia uma escada por perto e mesmo com a possibilidade de me chocar a qualquer momento, fui avançando e finalmente, consegui chegar até a guarita dos vigias que ficava ao lado do edifício. Da guarita, avistei os trilhos do bonde urbano. Assim que saí do edifício, vi um bonde que tinha colidido numa casa. “Nossa! Que tragédia!”. Queria pedir informações para fugir dali, mas não havia ninguém.

Nosso abrigo para emergência ficava no pátio da 1ª Escola Pública Ginásial de Hiroshima, ao sul da empresa. Mas como não sabia, fui em direção norte da linha dos bondes, e virei à direita numa rua antes de chegar ao Santuário Shirakami. Daí, caminhei em direção leste do bairro Takeya-cho. No caminho, avistei uma colegial ou talvez uma senhora, não sei ao certo, soterrada entre os escombros do muro do 1º. Colégio Público Feminino de Hiroshima que tinha caído pelo forte vento. Ela estava somente com o pescoço para fora e pedia ajuda. Entretanto, eu estava sem condições de ajudá-la, estava com hemorragia e completamente ensanguentado com cacos de vidro nas costas.

Em seguida, bordejando o rio Takeya, dirigi-me para o sul e fui em direção à Miyuki-bashi. Digo rio Takeya, mas é um rio bem pequeno que não aparece nem nos mapas e atravessei o subterrâneo do shopping Fukuya. Durante a fuga, não avistei ninguém fugindo mas, na casa de frente ao rio Takeya, vi pessoas que limpavam a casa e estavam assustadas, dizendo: “Que calamidade!”. Não sei a hora exata, mas acho que tinha passado algumas horas depois do bombardeamento atômico.

Antes de atravessar a ponte Miyuki-bashi, passou um caminhão militar e pedi carona

e fui até o porto de Ujina e de lá, ao abrigo na ilha de Nishima. Ao chegar no abrigo, havia muitas vítimas machucadas. Um enfermeiro militar somente enrolou um pedaço de gaze nos meus ferimentos, não recebendo nenhum tratamento adequado e os cacos de vidro continuavam cravados nas minhas costas. Havia pessoas que estavam fora de si, pessoas chorando, outras gritando, outras ainda enfurecidas, pessoas que de noite, caminhavam no meio de outras pessoas que tentavam dormir, pessoas que se irritavam com isso, ou seja, não dormi nada naquela noite. No dia 6, não comi nada e na manhã do dia 7, comi arroz empapado num pedaço de bambu com uma ameixa japonesa seca (umeboshi). Nesse abrigo, essa foi nossa única refeição.

Pensei que fosse morrer nessas condições e disse ao soldado que queria voltar à cidade, e nessa manhã do dia 7, regressei ao porto de Ujina de navio. Por sorte, encontrei um caminhão militar no porto e perguntei aos oficiais onde estavam indo e eles me responderam que estavam a caminho da prefeitura municipal. Pedi carona até a prefeitura e eles concordaram. Ao chegar na prefeitura, agradei e desci do caminhão. Como a empresa onde trabalhava ficava um pouco ao norte da prefeitura, fui até lá caminhando. Quando cheguei na empresa, dois empregados conhecidos estavam na recepção. Informei-lhes que iria me abrigar na casa dos meus sogros em Miyoshi e passei o endereço a eles. Depois, caminhando fui até o quarto que tinha alugado em Ushita, passando por Kamiyacho e Hachobori. Dormi uma noite aí e no dia 8, de trem da estação de Hesaka, fui até o vilarejo Wada-mura onde estavam minha esposa e meus filhos. Queria regressar o mais rápido possível porque seguramente minha esposa estava preocupada comigo. Não me lembro das condições durante o trajeto mas, lembro-me claramente que ao passar pela ponte Kouhei-bashi, vi que tinham colocado vários cadáveres amontoados perto dessa ponte.

● **Condições após o bombardeamento nuclear**

Quando cheguei ao vilarejo Wada-mura, os cacos de vidro ainda estavam cravados nas minhas costas. Diariamente, minha esposa me levava ao rio e lavava as minhas costas. O sangue estava viscoso como alcatrão de hulha. Cada vez que minha esposa retirava um coágulo sanguíneo com uma agulha, um caco de vidro saía grudado ao coágulo. Durante uma semana a dez dias, fazíamos o mesmo, e achava que não havia mais cacos de vidros nas costas, mas depois de mais de 10 anos, tive que ir a um hospital cirúrgico em Sakai-machi para extrair os cacos restantes que tinham supurado.

Ao chegar ao vilarejo Wada-mura, depois de alguns dias, mas antes da minha esposa

extrair todos os cacos de vidro cravados nas costas, meu pai veio me visitar de Onomichi. Como não tinha conseguido entrar em contato com ele, meu pai desconhecia o meu paradeiro e tinha vindo à casa dos meus sogros para consultar sobre o local onde poderia realizar o meu velório. Ao constatar que estava vivo, ao mesmo tempo em que se alegrou bastante, ficou enormemente chocado. Tomou chá na varanda e logo regressou para Onomichi.

No vilarejo Wada-mura, não senti nenhuma anormalidade nos órgãos internos e passei relativamente bem, e passados cerca de três semanas, no final de agosto ou começo de setembro, voltei para Hiroshima e regresssei ao meu trabalho.

Depois de algum tempo, em meados de setembro, no início da temporada de nozes, estava evacuando sangue nas fezes e fui para Onomichi para a casa dos meus pais para me cuidar. Como estava evacuando sangue, todos, inclusive o médico, achavam que estava com disenteria e deveria ser isolado. Entretanto, minha irmã me preparou arroz com nozes e por incrível que possa parecer, depois de comer esse arroz, a hemorragia parou. Acho que foi graças a essa comida. Em Onomichi, a comida era boa e depois de um repouso de quatro a cinco dias, voltei para Hiroshima, curado, para trabalhar.

● **Vida pós-guerra**

Quando voltei ao serviço, havia muitos empregados que tinham perdido suas casas e viviam no 5º andar da empresa. A princípio, nós preparávamos a comida, mas passado um tempo, a empresa contratou uma pessoa para preparar as refeições.

Como tinha carteira de habilitação, comecei a trabalhar no Departamento de Materiais, da Divisão Geral e meu serviço consistia em distribuir os materiais para todas as estações de energia dentro da província de Hiroshima, dirigindo o caminhão da empresa.

Em 1946, voltamos a viver em família. Depois do expediente, meus colegas de trabalho compravam pilares e construíram minha casa em Eno-machi. Moramos nessa casa por cerca de 30 anos.

Tivemos muitas dificuldades. Entretanto, como meus sogros nos mandavam arroz, não passamos fome. Nossas roupas e cobertas estavam dentro do depósito da companhia que tinha sido incendiado e não tínhamos nada para vestir. Reformávamos as roupas velhas e aproveitávamos para confeccionar roupas íntimas, etc. Ganhamos cobertas dos meus pais e com a ajuda de todos, conseguimos superar as dificuldades e recomeçar nossa vida.

● **Sobre a saúde**

Em julho de 1947, nasceu nossa segunda filha e fiquei preocupado com o efeito nuclear. No jardim de infância, sempre que aparecia algum sintoma diferente das outras crianças, como uma hemorragia nasal etc. logo relacionávamos com os efeitos da bomba atômica.

Em 1956, tive tuberculoma, um tipo de tumor. Os glóbulos brancos se reduziram a 2.000 e em épocas mais graves, baixaram até a 1.000. Eu estava com 65 quilos, mas emagreci cerca de 8 quilos. De julho de 1956 até setembro de 1957, durante um ano e três meses, fiquei internado num hospital que fica em Hara em Hatsukaichi-cho (atual cidade de Hatsukaichi), ficando afastado do serviço por um período de dois anos. A internação foi no dia 7 de julho, justamente no dia de Tanabata, e minha filha que estava na 2ª série primária me disse no café da manhã: “As estrelas vão se encontrar hoje, mas nós estamos nos separando, né?”. Nesse momento, todos choraram.

Depois disso, não tive nenhuma doença grave e vivi relativamente bem. Há uns 10 anos atrás, comecei novamente a evacuar sangue e fui internado no Hospital da Cruz Vermelha e assim que volto a evacuar sangue, tomo injeção para estancar a hemorragia.

Há quatro anos atrás, fui submetido a uma cirurgia em virtude de câncer de próstata, época que recebi o certificado de reconhecimento de vítima da bomba atômica.

● **O que penso hoje**

Recentemente completei 94 anos de idade e sou muito grato por chegar até aqui e isso foi graças a minha esposa. Meus filhos também me ajudam muito. Só tenho que agradecer por tudo.

Em memória à minha mãe

Hiroko Kawaguchi

● Aspectos antes do dia 6 de agosto

Na época, minha casa ficava em Kamitenma-cho e vivíamos em quatro, eu, minha mãe, meu irmão e minha irmã mais velha. Meu pai, Toshio Omoya, faleceu em 1938 em guerra na China. Quando meu pai faleceu, eu ainda era muito pequena e só o conheço através de fotos. Quando pequena, via a foto do meu pai em casa, e dizia: “Papai não pode sair da foto porque nós não mandamos chinelos a ele”.

Minha mãe, Shizuko, nos criou sozinha. Ela tinha uma grande paixão pelos estudos, e mesmo durante a guerra, esforçava-se para que eu aprendesse balé, caligrafia e fizesse outros cursos. Na época do vestibular do meu irmão para ingressar na escola ginásial, ela visitava templos diariamente para rezar o seu sucesso. Com a morte do meu pai, a filosofia dela era: “A melhor herança que posso deixar para meus filhos é a educação”.

Ela levava isso a sério, tinha vários serviços e trabalhava diariamente de manhã até à noite. De manhã cedinho, quando ela distribuía jornais, meus irmãos a ajudavam e eu que era muito pequena caminhava atrás dela.

Minha mãe tinha uma vida atarefada. No nosso bairro, vivia também a família do meu tio e próximo ao nosso bairro, em Hirose-moto-machi, vivia a família dos meus avôs. Tínhamos uma boa relação com os vizinhos, que para nós eram como se fossem parentes. Recebíamos o apoio de todas essas pessoas.

Naquela época, as escolas públicas estavam sendo usadas como abrigos coletivos e privados. Eu, que na época frequentava a 3ª série da escola pública Tenma, vivi num abrigo coletivo junto com minha irmã mais velha, Sumie, que estava na 6ª série, num santuário em Yuki-cho. Semanalmente, minha mãe e meu irmão Toshiyuki vinham nos visitar trazendo batatas, etc. mas para nós que éramos crianças, essa vida em abrigo era muito triste. Minha mãe sempre dizia: “Se vamos morrer, morreremos todos juntos”. Eu pedia: “Quero voltar para casa!” e acabei voltando para casa em Kamitenma-cho. Ao refletir agora, penso que talvez se eu continuasse no abrigo, minha mãe e meu irmão teriam ido visitar-nos e todos, quem sabe, teriam sido salvos.

● Condições do dia 6 de agosto

No dia 6 de agosto, não tinha aula na escola e estava brincando com minha amiga perto de casa.

Vi o avião B29, fazendo seu percurso no céu e deixando um rastro nas nuvens e por impulso, cobri meus olhos e ouvidos. Naquela época, recebíamos treinamentos de proteção e quando achássemos que uma bomba tivesse sido lançada, tínhamos que cobrir os olhos e ouvidos. Acho que agi dessa maneira, inconscientemente. Como

tinha coberto meus olhos, não vi o flash da bomba.

Justo nessa hora, por sorte estava atrás das casas e sob a sombra de paredes, e não sofri nenhuma lesão, nem senti o calor. Minha amiga que estava comigo, somente machucou um pouco a cabeça e nós mesmas, conseguimos sair do vão da casa e voltamos para casa.

Chegando em casa, minha mãe estava me esperando, tinha sofrido a explosão e estava machucada. Em virtude do racionamento de comida, nesse dia, ela tinha saído de casa para buscar nossa porção de arroz e sofreu a explosão no caminho de volta a casa. Imediatamente, minha mãe pegou o kit de emergência que estava na casa e fugimos.

Vimos casas destruídas e o parapeito da ponte em chamas. Atravessamos essa ponte e caminhamos em direção a Koi. No meio do caminho, pessoas que estavam negras pelas queimaduras imploravam: “Água, por favor, água!”. Porém, nós que estávamos fugindo entre a vida e a morte, não pudemos fazer nada. Hoje, sinto remorsos, porque ao menos poderia ter perguntado o nome delas.

Finalmente, chegamos à Escola Pública de Koi e só aí, percebi que estava descalça. É incrível, mas apesar de estar descalça e caminhando em meio aos escombros, não me machuquei.

A escola estava lotada de vítimas machucadas, tanto nas salas de aula quanto nos corredores. Nesse local, minha mãe recebeu um curativo de emergência. Minha mãe estava com queimaduras graves nas mãos, nos pés e nas costas. O rosto também estava um pouco queimado e a cabeça estava extremamente retraída. Só passaram um pouco de pomada e acabou o tratamento. Hoje, tenho dúvidas se realmente passaram a pomada.

Depois disso, fomos para o abrigo em Ogawachi-machi, local designado pela nossa associação de bairro. Próximo ao abrigo, começou a cair uma chuva negra e pegamos um pedaço de placa galvanizada caída e nos protegemos da chuva. Assim que passou a chuva, meu irmão Toshiyuki chegou ao local.

Na época, meu irmão estava na 2º ano do Colégio Técnico Industrial Matsumoto e era um dos alunos mobilizados para a fábrica Kanawajima que ficava em Ujina-oki. Sofreu a explosão, próximo à ponte Miyuki-bashi a caminho para essa fábrica junto com seus amigos. E preocupado conosco, ao invés de dirigir-se a essa fábrica, voltou imediatamente para casa. Como as proximidades da matriz da empresa Hiroshima Dentetsu estava em chamas e não podia passar por aí, ele caminhou em direção à Escola Ginásial Shudo, atravessando o rio Motoyasugawa e Otagawa de barco. Atravessou a ponte e chegou à tarde em Kannon-machi. Meu irmão contou-nos que

no caminho, havia muita gente soterrada debaixo dos escombros de um jardim de infância, mas como a preocupação do meu irmão conosco era grande, não socorreu essas vítimas. Disse-nos depois que se arrependeu por não ajudá-las.

Ficamos sabendo depois que, quando ele chegou em casa, as chamas estavam bem próximas a casa e usando um balde, apagou o fogo e como não havia ninguém em casa, foi até o bairro Ogawachi-machi para nos procurar e por sorte, pudemos nos reencontrar.

Minha irmã mais velha tinha dito que não queria ir à escola na manhã do dia 6. Entretanto, como minha mãe queria que ela ingressasse na Escola Secundária Feminina Yamanaka, não permitiu que ela faltasse à escola. Nesse dia de manhã, como todos os dias, minha mãe a enviou à escola, mas ela não voltou.

● Aspectos a partir do dia 7

No dia seguinte, meu irmão foi à Escola Pública Tenma para procurar nossa irmã que não tinha regressado para casa. Como ele tinha ouvido que ela estava limpando a sala do diretor no dia do bombardeamento, procurou ao redor das ruínas da escola. Tudo estava em cinzas e o local estava completamente plano.

Minha mãe, meu irmão e eu ficamos de dois a três dias no abrigo em Ogawachi-machi, mas como minha mãe estava preocupada com minha irmã, decidimos voltar para nossa casa.

Em casa, minha mãe ficou acamada. O único curativo que ela recebeu foi aquele na Escola Pública de Koi.

Nossa casa não tinha sido completamente queimada e os vizinhos tinham entrado em casa e levado nossos cobertores. Ao presenciar a cena, minha tia, Sueko Omoya, disse brava: “O que é isso? Vocês estão dando seus cobertores aos outros mas não cobrem a mãe de vocês?”. Meu irmão era um estudante do segundo ano no Colégio Técnico Industrial e eu estava na 3ª série da escola pública, que corresponderia ao curso ginásial e primário atual. Nós que éramos crianças não conseguiríamos fazer nada. Com a chegada da nossa tia, ela cuidou da nossa mãe e de nós.

O irmão mais novo do meu pai que era marido da minha tia, Shigeo, tinha sido convocado para o serviço militar em Yamaguchi e como minha tia e a minha prima Nobue estavam em Hiroshima, meu tio voltou à sua casa em Hiroshima, dois dias depois. Se meus tios não estivessem em Hiroshima, eu e meu irmão, que éramos crianças, estaríamos em apuros.

A queimadura no rosto da minha mãe sarou rápido e estávamos felizes mas, as queimaduras nas costas não melhoravam. Quando as queimaduras secaram, pensamos

que iria melhorar, mas de repente, a pele das costas começou a despelar e debaixo da pele estava cheio de bernes. Sem nos dar conta, os bernes estavam proliferando e já cobria suas costas e não era possível removê-los. Colocamos protetores contra mosquitos na cama dela. Eu e meu irmão dormíamos perto dela mas, eu ficava incomodada com o cheiro dos bernes.

As lesões da minha mãe eram enormes mas em nenhum momento ela se queixou de dor ou de coceira e nem tampouco pediu água. Um dia, ela disse: “Estou com vontade de comer pêssegos!” e por isso, minha tia foi até Inokuchi para comprar pêssegos. Ao refletir agora, com certeza, ela estava com sede.

Ela faleceu na manhã do dia 4 de setembro. Eu e meu irmão só percebemos sua morte quando nossa tia nos disse: “Sua mãe faleceu!”. Minha mãe estava com a cabeça fraturada e conseguiu resistir por cerca de um mês. Mesmo quando os soldados militares começaram a carregar os feridos no caminhão para levá-los aos abrigos, minha mãe não quis se afastar da casa porque queria saber sobre o paradeiro da minha irmã. Pessoas feridas nas mesmas condições dela foram levadas aos abrigos, receberam tratamento e melhoraram. Ela estava preocupada com minha irmã que não tinha regressado e resistia contra a morte para poder reencontrá-la.

Levamos o corpo dela até as ruínas do Salão Kousei em família e lá a cremamos. No momento estava insensível e não chorei. Acredito que meus sentimentos estavam anestesiados. Caía uma chuva fraca nesse dia e foi difícil cremá-la.

No centro da cidade, todos os prédios tinham sido destruídos, transformando-se num campo queimado. Da nossa casa, podíamos avistar a estação ferroviária de Hiroshima e Ninoshima. Em todos os locais havia cadáveres. Os corpos que estavam dentro do rio eram resgatados pelos soldados e em seguida, cremados. Mesmo com a presença de alguns corpos que permaneceram aí por mais de um mês, passávamos nesse local indiferentes. Na época, não sabia nada sobre a bomba atômica. Não tínhamos comida e inocentemente comíamos as batatas das hortas dos outros, o arroz que tinha sido enterrado e outros alimentos expostos à bomba.

● **Vida após o bombardeamento atômico**

Depois da morte da minha mãe, eu e meu irmão pedimos ajuda aos nossos parentes e fomos até o vilarejo Midorii e nos alojamos no celeiro da casa deles. Nossos avôs já estavam aí. No dia do bombardeamento atômico, meus avôs, Tomekichi Omoya e Matsuno, estavam na sala da casa deles e tinham sobrevivido. Quando cheguei ao vilarejo, meu avô estava bem, mas de repente, começou a sentir-se mal e faleceu cinco dias depois da morte da minha mãe. Meu tio, Shoso, que vivia junto com meus

avôs em Hirose-moto-machi estava na entrada da casa, e não tínhamos nenhuma informação sobre ele.

No vilarejo, nossa vida era diferente da vida que levávamos e estava um pouco incomodada. Frequentei a escola do vilarejo por cerca de um ano e depois voltei para Hirose. Planejávamos construir uma casa e para isso, unimos nossas forças, estruturamos o terreno e levantamos um barraco para aí morarmos. Meus tios cuidaram de mim e de meu irmão como se fôssemos seus próprios filhos. E por isso, não sentia tristeza e compaixão pela perda dos meus pais.

Entretanto, com o meu crescimento, gradativamente fui sentindo a falta dos meus pais. Mesmo sendo criada como irmã, um professor particular tinha sido contratado para dar aulas à minha prima depois das aulas desde o primário, e eu sentia inveja e tristeza por isso. Eu vivi com a família dos meus tios até o meu casamento. Como confeccionávamos móveis em casa, eu ajudava no serviço de contabilidade.

● **Casamento e doenças**

Antigamente, muitas pessoas escondiam o fato de serem vítimas da bomba atômica, principalmente as mulheres em virtude do casamento. Por esse motivo, nessa época, muita gente ainda não tinha solicitado a caderneta de saúde de vítima da bomba atômica. Atualmente, essa caderneta tem sido de muito valor, mas solicitei essa caderneta somente depois de algum tempo. Eu sabia que iria me casar com uma pessoa escolhida pelos meus tios. Foi um casamento arranjado, mas felizmente, meu marido não se incomodava pelo fato de eu ser uma vítima da bomba atômica.

A preocupação depois do casamento foram os filhos. Eu sofro de câncer na tiróide. Meu irmão e minha prima também estão com câncer, e minha filha nasceu com neuroma acústico. Eu acredito que essas doenças foram causadas pela bomba atômica.

● **Pensamento sobre a paz**

Eu falo muito sobre as minhas experiências para meus filhos. Vamos juntos ao Museu da Bomba Atômica e lhes explico sobre o bombardeamento atômico.

Antigamente, em virtude de muitas ocupações diárias, não ia ao cemitério para rezar pelas almas dos meus familiares; mas agora, tenho ido sucessivas vezes e depois de conversar com eles, volto para casa. Penso que se minha mãe estivesse viva, poderia dedicar-me a ela. Por isso, sempre que vejo alguém da idade da minha mãe, não consigo ficar indiferente e penso em ajudar e cuidar dessa pessoa para compensar o que não pude fazer pela minha mãe.

Muitas e muitas pessoas perderam suas vidas, e eu sou muito grata por estar bem e ter tido a oportunidade de viver.

Ao lembrar minha mãe, desejo ter uma longa vida com saúde pelos meus filhos.

**Nunca consegui esquecer
o que aconteceu naquele verão**

Chiyoko Shimotake

● **Vida durante a guerra**

Nasci em 1921, no vilarejo Tonoga (posteriormente Kake-cho e atual Aki-Ohta-cho) localizado na comarca de Yamagata, em Hiroshima.

Aproximadamente em 1940 ou talvez 1941, fui para o vilarejo Tsutsuga (atual Aki-Ohta-cho) e morando na casa de uma famosa mestra na arte de etiqueta e boas maneiras, estudei cerimônia do chá, arranjo floral e outras artes. Isso foi muito útil para minha vida. Depois de alguns anos e após a morte da mestra, a pedido do secretário da educação do vilarejo Tsutsuga, passei a ensinar essa arte e a receber remuneração.

Nessa época, como meu pai trabalhava na prefeitura do vilarejo Tonoga, conheci o sobrinho do prefeito desse vilarejo, Hisashi Kawamoto, com quem me casei em maio de 1944. Depois do casamento, passei a viver com os pais do meu marido (meu sogro: Kamesaburo e minha sogra: Sekiyo) perto da ponte Tsurumi-bashi na cidade de Hiroshima, no bairro de Hijiyama Hon-machi. Vivíamos em quatro. Meu marido tinha uma relojoaria; mas como havia muitas relojoarias na cidade, decidiu trabalhar fora da cidade. As condições da guerra não estavam favoráveis ao Japão e em uma casa, não havia a necessidade de duas mulheres se dedicarem aos serviços domésticos. Era uma época onde era exigido o trabalho das mulheres e eu comecei a trabalhar no arsenal militar em Kasumi-cho, junto com meu sogro um mês após o casamento.

● **Antes do lançamento da bomba atômica**

A terra natal da família do meu marido também era o vilarejo Tonoga. Minha sogra tinha marcado para viajar para o vilarejo no dia 3 de agosto mas, na manhã desse dia, de repente, ela me disse: “Vá você antes, que eu vou no feriado de finados para ficar por lá uns dez dias”. Então, ficou decidido de eu ir a Tonoga, para a casa dos meus pais, do dia 3 até 5 de agosto. Quando atravessava a ponte de Tsurumi-bashi, percebi minha sogra correndo em minha direção e ao me alcançar me entregou uma sombrinha nova e me pediu que a deixasse na casa dos pais dela porque não sabia o que poderia acontecer pois a cidade de Hiroshima estava sempre em iminente perigo de um ataque aéreo. Também me pediu para transmitir lembranças aos meus pais e que voltasse no dia combinado (dia 5). Essas foram as últimas palavras da minha sogra para mim. Entretanto, naquela hora não pensei que essas seriam suas últimas palavras. E como tinha regressado à casa dos meus pais, queria ficar um pouco mais e na verdade, o que eu queria era descansar e no dia 5, decidi regressar com o último ônibus. Porém, no momento de subir no ônibus, não me deixaram entrar e sem outra alternativa, voltei para casa. Meu pai, ao se inteirar que não tinha regressado,

passou-me um sermão: “Você deve respeitar os compromissos assumidos! Peça perdão aos seus sogros.” E em seguida, enviou um telegrama para a família do meu marido, informando que sem falta, amanhã eu voltaria para casa.

● De 6 até 9 de agosto

No dia seguinte (6 de agosto), como não tinha voltado no dia prometido, deveria me apressar para partir de manhã cedo mas, nesse dia também não estava com pressa. Caso tivesse saído cedo de casa, acho que teria sido atingida pela bomba atômica em um local mais próximo à explosão. Às 8h15, depois de ver um clarão, ouvi um estrondo que parecia estremecer o solo. Vi papéis rasgados e queimados escritos “Hiroshima” que voavam no ar e imediatamente, pensei que tivesse acontecido algo em Hiroshima. Logo depois, ficamos sabendo que tinha havido uma catástrofe em Hiroshima. Pensei em regressar a Hiroshima mas, as condições não eram propícias para mulheres e crianças e por isso, meu pai foi na frente para ver o que tinha acontecido. Primeiro, ele foi verificar a minha casa em Hijiyama Hon-machi e ao chegar, deparou-se com a casa completamente queimada e como havia um letreiro informando que todos estavam no alojamento do arsenal militar, meu pai foi até o alojamento e reencontrou-se com meu marido e meus sogros. Entretanto, minha sogra estava sofrendo com queimaduras graves e estava à beira da morte. Depois disso, meu pai foi até Higashi Hakushima-cho para verificar as condições do meu tio. A casa dele também tinha sido completamente destruída e ele estava num abrigo próximo à região de Koi. Minha prima que trabalhava nas obras de evacuação de edifícios como estudante mobilizada tinha falecido.

Dando voltas e perambulando em todas as direções, meu pai regressou ao vilarejo Tonoga. Ele me contou que meu marido e meus sogros estavam no alojamento do arsenal militar e eu, no dia 8 de agosto de manhã, voltei à cidade de Hiroshima de ônibus, fazendo conexão com o trem da linha Kabe. No meio do caminho, vi muitos feridos moribundos, deitados na praça em frente à estação de Kabe. Essas lembranças me afligem até agora. Ao redor do travesseiro dos feridos, havia somente uma lata de conserva. Muitas pessoas procuravam seus familiares, chamando-os por seus nomes mas os feridos não tinham forças nem para responder. Ao ver tantos feridos, fiquei desesperadamente preocupada pela minha família.

O trem parou próximo à estação de Mitaki e todos tivemos que descer. Desse local, fui caminhando em direção ao arsenal militar, carregando umeboshi (ameixa japonesa), arroz e outros alimentos. Entretanto, toda a cidade estava completamente queimada e parecia uma planície e não sabia para onde ir. Não havia nenhum ponto

de referência e fiquei perambulando pela cidade. Avistei fogo e pensei que tivesse alguém queimando algo e me aproximei do local e vi que era um fogo de incineração de corpos. Sobre a ponte, às margens das ruas, dentro de um arrozal, independentemente de local, havia fogos de incineração de corpos por todos os lados. Mesmo dentro desse panorama, estava insensível e nem o cheiro me incomodava. Acho que meus sentidos estavam totalmente anestesiados.

Às 3h00 da madrugada do dia 9 de agosto, finalmente cheguei ao alojamento do arsenal militar. Minha sogra tinha falecido a algumas horas antes de eu chegar e seu corpo ainda estava aí. No dia do bombardeamento atômico, ela estava na horta e sofreu queimaduras graves por todo o corpo. As queimaduras do queixo e peito foram tão graves que se desprenderam do corpo e seu estado era decrépito. Meu sogro me disse que como não ouvia mais os gemidos de dor, acendeu uma vela para iluminar o local e percebeu que ela tinha falecido. No dia seguinte, meu sogro confeccionou um caixão para poder cremar o corpo dela na horta de batatas.

● **Morte do meu marido**

No momento da explosão, meu marido estava dentro de casa e não sofreu nenhuma queimadura e aparentemente, não tinha nenhuma lesão. Ouviu o grito da minha sogra que estava na horta e saiu para socorrê-la.

No dia 15 de agosto, eu me levantei às 5h00 da manhã. Meu marido me disse que não precisaria acordar tão cedo mas como fazia uma semana depois da morte da minha sogra, queria preparar uns bolinhos como oferta a ela. Depois, preparei uma sopa de arroz para nós três e chamei o meu marido para comermos, mas não obtive resposta dele. Ele dormia num quarto de três tatamis ao lado do meu sogro mas nem o meu sogro tinha percebido que ele tinha falecido. Como poderiam ajuntar moscas, tínhamos que cremá-lo o mais rápido possível e apesar dele ter falecido no dia 15, declaramos que tido falecido no dia 14 e nesse mesmo dia, cremamos o seu corpo. O caixão que usamos para depositar o corpo do meu marido também foi confeccionado pelo meu sogro. Como tinha sido muito difícil acender o fogo para cremar a minha sogra, meu sogro me pediu para acender o fogo para cremar o meu marido. Entretanto, eu não conseguia acender o fogo para incinerar uma pessoa que estava viva até a manhã desse dia. Porém, era necessário cremá-lo e ao acender o fogo, não consegui permanecer ali e procurei me afastar do local. Minhas pernas estavam bambas e não conseguia me manter em pé e tampouco caminhar. Como não havia outra alternativa, voltei para casa me arrastando. Muitos corpos estavam sendo cremados e o chão estava quente; queimei as palmas das mãos, meus pés e joelhos,

etc.

No dia seguinte, fui buscar os ossos do meu marido. Nesse momento um avião inimigo estava sobrevoando e estranhei não ouvir o sinal de alerta. Por um bom tempo, não sabia que a guerra tinha terminado.

● **Cianeto de potássio para suicídio**

No arsenal militar, entregavam cianeto de potássio às mulheres. O cianeto de potássio era entregue para as mulheres para que tomassem, caso fossem ultrajadas por algum soldado americano. Quando meu marido faleceu me senti inútil e pensei em tomá-lo. Durante o tempo que meu sogro estava na prefeitura para registrar o óbito, já tinha bebido água para me preparar para tomar o cianeto de potássio, mas ao pensar qual seria a reação do meu sogro ao regressar a casa e ver-me morta, despertou-me e desisti da idéia. Tinha a obrigação de cuidar do meu sogro. Tinha cabelo comprido mas cortei e ao incinerar o corpo do meu marido, disse que não poderia acompanhá-lo e queimei o cabelo cortado junto com o corpo dele. Se não fosse pelo meu sogro, acho que teria tomado o cianeto de potássio.

Mesmo regressando ao vilarejo Tonoga, conservava o cianeto de potássio com cuidado mas, meu irmão mais novo, com medo de que pudesse fazer algo, desfez-se do cianeto, queimando-o. Esse cheiro é indescritível.

● **Morte do meu sogro**

Meu sogro estava no arsenal militar no momento do bombardeamento atômico e tinha queimaduras graves nas costas. Por isso, ele sempre dormia de bruço. Depois da morte do meu marido, íamos viajar juntos para Tonoga. Porém, ele faleceu no dia 25 de agosto. Eu estava com apenas 24 anos de idade, mas estava completamente sozinha, tinha perdido a sogra, o marido e o sogro. Pensei em me suicidar mas, como estava sob a minha responsabilidade, levei os restos mortais dos três para a família deles e novamente desisti de me suicidar.

● **No vilarejo Tonoga**

Finalmente no dia 6 de setembro, regressei para Tonoga com os restos mortais do meu marido e meus sogros. Foi realizada uma cerimônia funerária na casa dos parentes do meu marido. Nessa época, não me sentia bem de saúde e estava bem magra e minha família, meus pais e irmãos cuidaram de mim. Eu sou grata a eles e tenho certeza de que sobrevivi graças à ajuda de todos. Na hora das refeições comia, envolvida pelo ambiente da família. Vivi numa época quando a comida era escassa, e

mesmo não tendo apetite, comia à força porque achava que era um desperdício. Acredito que isso foi bom para mim.

Mesmo depois de regressar ao vilarejo, fui algumas vezes ao centro de Hiroshima com meu pai e um dia, fomos perseguidos por um prisioneiro estrangeiro. E como estávamos cansados porque tínhamos caminhado muito, fugimos numa direção sem infraestrutura rodoviária pela passagem do tufão Makurazaki. Desesperados, conseguimos fugir do prisioneiro mas, foi terrível e não consigo esquecer o fato.

● **Novo casamento**

Em 1957, casei-me novamente. Meu novo marido tinha três filhos e na época, o filho mais novo estava com dois anos de idade. Como não tinha experiência para educar filhos, estava decidida a recusar o pedido de casamento. Entretanto, ao conhecer as crianças, fiquei apaixonada por elas e como achava que não poderia mais gerar filhos, pensei que poderia criá-los como filhos e aceitei o pedido de casamento.

● **Condições de saúde**

Tive vários problemas físicos até o momento e passei por vários médicos. No momento de extrair algum dente, como a hemorragia não parava, sempre que me consultava numa clínica odontológica, o dentista me pedia para trazer um médico.

Há uns sete anos atrás (no ano de 2001), fui submetida a uma cirurgia de câncer no ovário e como já tinha se propagado para o intestino, foi uma cirurgia que cortaram cerca de 50cm do meu intestino. O câncer no ovário é uma doença difícil de ser tratada e como tinha se propagado até o intestino é estranho eu continuar viva.

Em virtude do câncer no ovário, sentia os alimentos amargos e ultimamente, comecei a sentir esse amargor novamente e fui ao hospital. Foi diagnosticada uma obstrução intestinal e fui internada.

● **Ao sofrer os efeitos da bomba atômica**

Eu não tive queimaduras decorrentes da explosão da bomba atômica porém, as moscas colocaram ovos nas minhas mãos, pés, costas e em várias partes do meu corpo e vários bernes se hospedaram sob a pele. Doía muito e pareciam picadas de moscardos. Tenho várias cicatrizes nas costas e por isso eu evito entrar em águas termais e banhos públicos.

Os médicos também perguntam sobre essas cicatrizes. Respondo que são decorrentes da bomba atômica. Inclusive já me perguntaram se eu estava com as costas nuas no momento da explosão. Isso não é verdade.

A paz é muito importante e não deve haver guerras. Devemos evitar qualquer tipo de brigas, inclusive, dentro de casa.

Que sorte!

Toshio Miyachi

● A vida da época

Eu nasci no vilarejo Nakanosho na comarca de Mitsugi (atual Innoshima Nakanosho-cho, cidade de Onomichi) em 1917. Meu pai trabalhava na agência do correio de Nakanosho e minha mãe, apesar de ser dona-de-casa, cultivava uma horta pequena. Tenho três irmãs mais velhas e um irmão caçula, dois anos mais novo que eu. Em 1924, nasceu minha irmã mais nova, mas infelizmente faleceu e minha mãe faleceu logo depois. Vivíamos eu e meu pai.

Em 1939, recebi uma convocação militar e fui incorporado ao 5º Regimento da 5ª Artilharia de Campanha. Estive nos campos de batalha no Vietnã e na China, como chefe de pelotão por três anos. Depois de me retirar do exército, trabalhei na filial de Hikari do Shopping Marukashi, administrada pelo meu primo. Em 1943, comecei a trabalhar na Ferraria Miyaji do meu avô da parte do meu pai, na filial de Hikari. O motivo de mudar de serviço era que a ferraria ficava perto da casa do meu pai e poderia cuidar dele. Casei-me na época dessa transferência de serviço e em abril de 1944, nasceu meu filho primogênito.

Em abril de 1945, recebi a segunda convocação militar e na época, pedi para que minha esposa e meu filho fossem para Innoshima. Fui designado para o mesmo regimento e artilharia mas, dessa vez fiquei responsável pelo alistamento no quartel central da artilharia. As principais unidades tinham sido designadas para a defesa interna e restaram muitos poucos soldados no quartel. Nesse ambiente, o responsável pelo alistamento estava encarregado, principalmente de confeccionar uma lista de soldados, distribuir agendas de planificação do exército, etc. e não havia exercícios militares.

Meu superior era o sargento Okada, oficial do exército, natural do vilarejo Kobatake-mura na comarca de Jinseki (atual, Jinseki Kougen-cho, comarca de Jinseki) e uma pessoa admirável. Na sala, trabalhávamos somente os dois e fui muito bem tratado.

Em junho de 1945, a denominação da unidade foi alterada para Força Militar Complementar de Artilharia do Distrito Militar de Chugoku (Unidade Chugoku Nº 111). Essa unidade ficava ao lado oeste do Castelo de Hiroshima. O quartel era de dois andares, com cerca de quatro a cinco alas, com quatro tropas militares.

● Ambiente anterior ao bombardeamento atômico

Depois da baixa militar, minha intenção era retornar ao meu trabalho anterior e a empresa que trabalhava também estava disposta a me aceitar de volta. Um dia, o presidente da empresa me enviou uma carta à unidade militar me pedindo para

regressar à cidade de Hikari para realizar uma importante reunião. Como a empresa era administrada por parentes, estava sem coragem de pedir ao sargento uma autorização para ir a essa reunião, porque haveria a possibilidade de acharem que essa autorização seria um pretexto para obter uma folga. Mas o sargento Okada, muito atencioso, me disse: “Não se preocupe, vou tirar essa autorização para você”. Graças a ele, consegui essa autorização especial e no domingo, dia 5 de agosto, estava na cidade de Hikari. Eu deveria retornar ao quartel no dia seguinte, dia 6 de agosto, com o trem que chegaria às 9h00 da manhã na estação de Hiroshima.

No dia 6 de agosto, levantei-me às 04h00 da manhã, tomei o café da manhã e peguei o trem da estação de Hikari. Acredito que no horário do bombardeamento atômico, o trem estava próximo à estação de Iwakuni. Como o trem estava em movimento, não se ouvia ruído externo, inclusive não ouvi o estrondo da explosão. Entretanto, os passageiros começaram a se aglomerar nas janelas à direita dizendo: “Está subindo muita fumaça no céu ao redor de Hiroshima, parece um grande balão de fumaça!” Não houve nenhum aviso dentro do trem e continuamos a viagem, sem saber o que tinha acontecido em Hiroshima. De repente, o trem parou na estação de Itsukaichi. O trem anterior ao nosso também estava parado. Como não podiam prosseguir a viagem, fomos obrigados a descer do trem. Estava preocupado porque tinha prometido regressar ao quartel, assim que chegasse às 09h00 na estação de Hiroshima e não sabia o que fazer.

A estação de Itsukaichi estava muito escura com a fumaça preta expelida pelas locomotivas. Parecia noite. Somente percebíamos ofuscadamente o movimento das pessoas. Passado um tempo, a fumaça preta se dissipou e avistei um caminhão da polícia militar parado ali perto. Pedi uma carona até o Castelo de Hiroshima para voltar ao quartel, e como estavam regressando à cidade, consentiram cordialmente em me dar a carona. Estavam em dois, um sargento e um cabo. Fisicamente estavam bem, sem nenhuma lesão e não devem ter sofrido diretamente a bomba atômica. Caso estejam ainda vivos, gostaria pessoalmente de transmitir meus agradecimentos a eles.

● **Condições da cidade após o bombardeio atômico**

Não me lembro exatamente qual o caminho que fiz de Itsukaichi até Hiroshima mas, acredito que foi um caminho único, cruzando arrozais. Nesse caminho que fazia, deparei-me com muitas pessoas fugindo, tentando se abrigar. Quando entrei na cidade de Hiroshima, usei como referência a linha dos trens urbanos. Não sabia o que tinha acontecido, parecia que tinha sido totalmente evacuada porque não havia ninguém nas ruas, nem cães e nem gatos.

Tinha pedido uma carona até o Castelo de Hiroshima, mas eles me deixaram antes da ponte Aioi-bashi. O quartel era bem perto da ponte e poderia caminhar até lá. As ruas estavam queimadas e quentes e sem condições de caminhar. Estava com os sapatos atados e com perneiras mas não consegui caminhar nem um metro e só me restou ficar de pé em frente à ponte Aioi-bashi.

Na ponte, caminhava 50cm e tinha que regressar 50cm e repetindo esse movimento, creio que passou cerca de uma hora. De repente, começou a chover torrencialmente e a chuva parecia espetar a pele como agulhas. A chuva era negra e parecia óleo derramado mas ao limpar o rosto molhado com as mãos, a chuva não era oleosa. A cidade parecia um campo totalmente queimado e sem onde me abrigar, fiquei na chuva até ela passar, ficando totalmente molhado.

O calor que fazia antes da chuva foi substituído por um clima fresco, parecia uma temperatura de outono. As ruas que estavam quentes foram resfriadas pela chuva, possibilitando caminhar por elas.

Chegando à minha unidade militar, o estado do quartel era catastrófico. O prédio tinha sido completamente destruído e parecia que as cinzas do prédio tinham sido lavadas pelas chuvas e não havia nada no local.

O sargento Okada tinha sofrido queimaduras por todo o corpo e estava num estado crítico. Pelas queimaduras, não consegui identificá-lo mas ouvi uma voz: “Miyachi, que sorte!”. Era o sargento Okada. Afastei-me temporariamente do local e voltei no final da tarde mas não encontrei mais o sargento Okada porque tinha sido transportado.

Não tenho certeza mas, provavelmente logo após a chuva negra no dia 6 de agosto, nas proximidades do lado oposto do rio Yokogawa, encontrei-me com o general Shunroku Hata do 2º Comando Geral. Recebi uma ordem do major que ali estava: “Atravesse o rio Tenmagawa com o general Hata nas costas e tome cuidado para que ele não se molhe.” Como o general tinha uma estrutura física pequena, não senti seu peso e, conforme a ordem recebida, atravessei a ponte com ele nas costas.

● Atividades de salvamento

No pátio oeste do quartel, reuniram-se cerca de 90 sobreviventes militares. Em seguida, os soldados foram incumbidos ao serviço de cremação dos corpos. Num dia se cremavam 250 pessoas, em outro 300 pessoas, etc. Cremamos um incontável número de cadáveres.

Durante o serviço, o que me chamou a atenção em especial foi o fato de haver dois corpos de soldados americanos ao redor da escada do Castelo de Hiroshima. Acredito

que esses soldados faziam parte dos soldados americanos, capturados e estavam presos no prédio próximo ao castelo que na época era utilizado como um local para os prisioneiros americanos.

No dia 6 de agosto, não tínhamos nenhum mantimento e eu, com mais 30 subalternos, fomos à prefeitura municipal para negociar o recebimento de biscoitos. Contrário às nossas expectativas, acabamos discutindo com os funcionários da prefeitura e não conseguimos receber nenhum mantimento. Sem outra alternativa, nesse dia dissolvemos açúcar em água quente e tomamos para enganar o estômago vazio. A partir do dia 7 de agosto, passamos a receber provisão de bolinhos de arroz (onigiri) e biscoitos das tropas de salvamento de outras cidades.

Até o final de agosto, continuei nas atividades de salvamento e nesse tempo, dormia em acampamento.

No dia 31 de agosto, finalmente foi dada a ordem de dissolução da unidade militar e vários materiais que tinham sobrado no depósito militar, foram distribuídos aos soldados. Eu recebi uma roupa militar e cobertor. Alguns soldados naturais da zona rural, receberam cavalos e dentre eles, alguns voltaram para suas casas de cavalo.

No dia 1 de setembro, regressei a Innoshima num navio do porto de Itozaki.

● **Sobre as doenças**

Passados cerca de dois meses em Innoshima, fiquei assustado ao urinar cerca de dois litros de urina marrom que persistiu por um tempo. No ano seguinte, fiquei com deficiência gastrointestinal e fui internado. Posteriormente, fui internado com problemas hepáticos. Em 1998, fui internado com câncer na bexiga, e continuo em tratamento até agora.

Recebi minha caderneta de saúde como vítima da bomba atômica em setembro de 1960. Antes de obter essa caderneta, estava em dúvida se deveria ou não aceitá-la, mas por recomendação da prefeitura municipal acabei aceitando. Posteriormente, sempre que adoço por alguma doença causada pela bomba atômica, acho que foi melhor tê-la aceitado.

● **Vida pós-guerra**

Após a guerra, abri uma pequena mercearia. Como ficava na zona rural, além dos produtos alimentícios, vendia arroz, trigo e óleo e posteriormente, artigos eletrodomésticos. Minha vida não foi fácil mas com esforço, consegui pagar os estudos dos meus filhos até a universidade.

Em 1946, nasceu minha filha primogênita mas, infelizmente faleceu em seguida, juntamente com minha esposa. Em 1947, casei-me com minha esposa atual e tive dois filhos e uma filha. Todos os filhos nascidos após a guerra, nasceram fisicamente frágeis e minha preocupação era que fosse pelo efeito da bomba atômica. Minha esposa tinha pedido à nossa filha que evitasse falar que era filha de uma vítima bomba atômica para não dificultar o seu casamento.

● **Sobre o sargento que faleceu com a explosão atômica**

Se a guerra tivesse prosseguido naquele estado, acho que o Japão estaria num estado catastrófico. Na minha opinião, acho que a paz que desfrutamos hoje é decorrente de vários sacrifícios.

Consegui sobreviver e não sofri diretamente os efeitos da bomba atômica, graças à autorização para visitar meus parentes, facilitada pelo sargento Okada. Desconhecia o paradeiro dele depois de encontrá-lo no dia 6 de agosto quando me disse: “Miyachi, que sorte!”. Mantenho essa frase em meu coração. Por conhecer meus sentimentos de gratidão pelo sargento, meus filhos pesquisaram através da internet, ligaram para cada templo e finalmente conseguiram encontrar o cemitério onde o sargento foi sepultado.

No ano de 2007, toda a família foi rezar pela sua alma na sua lápide. No momento que transmiti meus agradecimentos ao sargento, finalmente, senti um alívio indescritível.

Desejo de Paz para a Próxima Geração

Tokio Maedoi

● A vida antes do bombardeio

Em 1945, eu morava com minha mãe Hisayo e duas irmãs mais velhas em Kusunoki-cho 1-chome. Apesar de ser apenas um aluno do 1º ano da Escola Ginásial de Misasa, na época, trabalhava todos os dias como parte da mobilização nas fábricas e outros locais, e não havia aula nas escolas. Tinha sido designado, juntamente com os meus 40 colegas de classe, para a Nissan Motor Co., Ltd., fábrica de Misasa-honmachi 3-chome. Minhas duas irmãs mais velhas também trabalhavam em Hiroshima: minha irmã Kazue trabalhava na Sucursal de Poupança Postal e a outra irmã Tsurue, no armazém de roupas do exército.

● 6 de agosto

Naquela manhã, eu estava trabalhando como aluno mobilizado na Nissan Motor Co., Ltd. Meus colegas e eu estávamos mobilizados separadamente nos diversos setores da fábrica. Eu trabalhava no escritório, e fazia de tudo, como levar as peças para os trabalhadores quando recebíamos a ordem da fábrica. Naquele momento, como tínhamos recebido um pedido da fábrica para levar alguns parafusos, deixei o escritório carregando duas caixas em minhas mãos e estava caminhando em direção à fábrica localizada na parte de trás do edifício. De repente, estava envolvido numa luz azul que parecia uma chama de explosão de fogão a gás, e sem campo de visão, ao mesmo tempo, senti como se estivesse flutuando no ar. Pensei que tivéssemos sido atingidos por um súbito bombardeio, embora o alerta de ataque aéreo tivesse sido cancelado, e por isso estávamos totalmente desprevenidos. Imediatamente pensei: “Ohhh, vou morrer ...”

Eu não sei exatamente quantos minutos se passaram, mas quando recuperei a consciência, percebi que estava deitado no chão. Depois de um tempo, a névoa foi se apagando, e meu campo de visão estava mais nítido, fazendo-me pensar: “Eu estou vivo!”

Tinha caído em cima de um butijão de gás que tinha caído perto de mim e estava com a minha mão raspada. No momento do bombardeio atômico, estava com a cabeça raspada, vestia apenas uma camisa de manga curta, com gola redonda e usava uma calça curta, e ao refletir depois sobre o fato, tinha sofrido queimaduras terríveis nas partes expostas do meu corpo. Mas na hora, não sabia a extensão das lesões e realmente não senti nenhuma dor. Como eu não vi nenhum dos meus colegas com quem trabalhava, fiquei preocupado com minha família e decidi voltar para casa. Quando comecei a andar, vi que o portão grande da fábrica tinha sido derrubado e encontrei três pessoas que estavam presas debaixo dos escombros. Com a ajuda de

algumas outras pessoas que estavam ali, conseguimos retirá-las e todos dizíamos: “Vamos fugir, vamos fugir” e saímos da fábrica.

● **Situação após o bombardeio atômico**

A cidade ficou completamente coberta de edifícios e muros desmoronados, e eu não conseguia nem ver as estradas. Havia fumaça por toda parte que parecia que vinha de um fogo ardente, e todos que caminhavam nas ruas tinham sofrido queimaduras e alguns deles fugiam, carregando seus filhos. Andar por sobre os escombros e pilhas de madeira que tinham desabado, machucavam os pés, devido aos pregos salientes que perfuravam os sapatos, mas na hora, estava tão aterrorizado que não sentia nenhuma dor. Dos destroços sob meus pés, ouvia vozes gemendo que diziam: “Ajude-me”, mas em meio a essa cena do inferno, estava em pânico e sem ajudar aquelas pessoas que clamavam por ajuda, caminhava em direção à minha casa.

Quando cheguei em casa, vi que minha casa tinha sido completamente destruída. Embora a minha mãe e as minhas irmãs deveriam estar aí, não vi nenhum sinal delas. Como eu tinha apenas 12 anos de idade, fui invadido imediatamente por uma ansiedade ao perceber que “Agora estou sozinho neste mundo.” Olhei para minha casa destruída por um tempo num estado de estupor e só conseguia pensar: “Este é o fim.” Enquanto isso, ouvi as pessoas que estavam próximas que diziam: “O fogo está se espalhando. Saiam daqui!” e eu finalmente decidi fugir dali. Enquanto caminhava para o abrigo no subúrbio da cidade, lugar que tínhamos decidido de antemão em família, casualmente encontrei um colega mobilizado na mesma fábrica, cujo nome era Nakamura. Ele estava indo para a casa de uma parente em Mitaki-cho e me convidou para ir com ele, dizendo: “Vamos juntos.”

Como o bairro Mitaki-cho estava localizado na encosta, os danos não foram tão grandes, e encontramos a casa apenas ligeiramente danificada com algumas janelas quebradas. Sua tia disse: “Graças a Deus você está salvo, graças a Deus.” Ela nos deu bolinhos de arroz, mas eu estava sem apetite e não conseguia comer. Finalmente, depois de um momento de descanso, comecei a sentir dor no meu corpo e percebi que havia algo de errado comigo. Todo meu corpo que estava descoberto pela roupa, tinha sido queimado e estava cheio de bolhas tão grandes que a água dentro delas pareciam umas ondas. Eu não estava usando boné, por isso a minha cabeça também havia sido queimada e latejava de dor. Embora, diziam que uma pessoa morreria se tivesse um terço de seu corpo queimado, eu acho que as minhas queimaduras eram maiores.

Começou a chover um pouco antes do meio-dia. Senti-me bem, porque estava com o

meu corpo queimado, por isso fiquei um tempo debaixo da chuva. Olhando de perto a chuva que estava caindo, ela brilhava como óleo. Embora naquela época eu não soubesse de nada, esta chuva era a “chuva negra” radioativa.

Depois de me despedir do Nakamura, voltei a caminhar em direção à escola em Yasu-mura (atual Asaminami-ku, Hiroshima), que era o local de abrigo da família. Sentia meu corpo quente, por isso peguei um pepino de uma horta próxima, e caminhava, apertando o pepino para extrair o suco para aliviar minhas queimaduras.

Quando finalmente cheguei à escola, o posto de socorro estava aberto e cheio de pessoas feridas em filas, lado-a-lado no chão como atuns capturados enfileirados no chão. Lá, recebi pela primeira vez, um atendimento médico mas, eles só untaram um pouco de óleo de cozinha nas minhas queimaduras. A escola estava tão cheia de vítimas do bombardeio atômico que fui designado para um outro abrigo. Enquanto me locomovia para lá, por uma incrível coincidência encontrei minha irmã Tsurue. Ela estava em casa quando a bomba atômica foi lançada e estava com uma atadura enrolada na sua cabeça ferida. Quando finalmente a encontrei, pensei: “Ahhh, eu não estou sozinho”, e me senti aliviado. Minha irmã me disse que a nossa mãe estava bem e fomos encontrá-la. Minha mãe estava na varanda no momento do bombardeio atômico, e por isso tinha um corte profundo na perna e estava com queimaduras no rosto. Depois, conseguimos nos juntar com minha outra irmã, Kazue, que estava trabalhando na Sucursal de Poupança Postal.

Nós ficamos em Yasu-mura até o final da guerra. Eu me lembro que estava envolvido num sentimento de alívio ao saber que não teria que ir mais à guerra. Ficamos cerca de duas semanas em Yasu-mura, e depois nos mudamos para Gono-mura em Takata-gun (atual Cidade Akitakata), cidade natal de meu pai, e ficamos na casa de alguns parentes.

Como a minha saúde estava piorando, alguns em torno de mim começaram a dizer: “Ele não vai durar muito tempo”. Como um médico havia sido despachado para Gono-mura, colocaram-me numa carreta de mão e me levaram para receber cuidados médicos. Foi lá pela primeira vez que minhas queimaduras foram tratadas com um creme branco para queimadura e finalmente, estava recebendo alguns cuidados médicos reais. Mesmo com a atenção médica, minhas queimaduras estavam se agravando e já não podia tirar minhas roupas, elas tinham que ser cortadas com uma tesoura. Eu estava com uma febre alta e só podia ir ao banheiro com alguém me carregando. Apesar de seus próprios ferimentos, minha mãe cuidou de mim, seu filho mais novo e único varão. Lembro-me que ela ficava acordada toda a noite, abanando-me sem cessar, dizendo: “Está quente, não é?” Quando minhas

queimaduras começaram a melhorar, comecei a ter hemorragias nasais frequentes. O sangramento às vezes não parava, até que o médico me deu uma injeção que parou. Gradualmente fui me recuperando e comecei a frequentar a escola local. Havia cerca de três alunos que tinham sido transferidos da cidade de Hiroshima após o bombardeio atômico.

Estava curioso para saber como estava a cidade de Hiroshima e um dia, em setembro, sozinho, fui de ônibus até a cidade de Hiroshima. Perto das ruínas da minha casa, encontrei meus vizinhos vivendo em cabanas que tinham construído e fui falar com eles. Aqui e ali, vi algumas cabanas construídas que ofereciam proteção suficiente apenas contra as chuvas. Fui até a Nissan Motor Co., Ltd., a fábrica onde estava trabalhando durante o bombardeio atômico, e por acaso encontrei-me com o gerente da fábrica. Ele me perguntou como eu estava e me disse sobre o que aconteceu após o bombardeio atômico. Eu senti um medo terrível quando ele me disse que o globo ocular de uma mulher no escritório - o mesmo escritório onde eu estava imediatamente antes do bombardeio - tinha estalado para fora devido à bomba atômica. Depois disso, nunca mais encontrei nenhum dos meus 40 colegas que trabalhavam na mesma fábrica e até agora nunca soube nada sobre o paradeiro deles.

● **Reconstrução da minha vida**

Dois ou três anos mais tarde, mudei-me para a cidade de Hiroshima, a fim de reconstruir a minha vida, porque não havia emprego na zona rural. Como eu não tinha formação acadêmica, foi realmente difícil encontrar emprego. No entanto, trabalhei como entregador de jornal e ajudava nas obras de construção, procurando pelo menos me manter para o pão diário.

Quando estava com 23 anos, decidi casar, e como gostaria que minha futura esposa soubesse de tudo, disse-lhe que era um sobrevivente da bomba atômica. Depois de obter sua compreensão, ela aceitou em se casar comigo. Na época, havia uma grande quantidade de informações nos jornais e nos meios de comunicação sobre os efeitos posteriores dos sobreviventes da bomba atômica, mas procurava não me preocupar. Quando estava com 27 anos, nasceu meu primeiro filho e nesse mesmo ano, meu cunhado me arranhou um emprego para trabalhar na Toyo Industries Co. (atual Mazda Motor Corporation). Até então, mudava constantemente de emprego, mas meu cunhado me incentivou a ter paciência e a trabalhar duro, então comecei este novo trabalho com a determinação de dar o meu melhor para o bem do meu filho.

● **Preocupações com a saúde**

Enquanto conversava com os colegas que trabalhavam comigo à noite, encontrei uma pessoa que tinha sido exposta à bomba atômica na ponte Aioi. Como ele estava quase no hipocentro da bomba atômica, fiquei chocado com o que ele me contou. Ele tinha recebido um pedido da Comissão de Investigação de Danos da Bomba Atômica (ABCC) para passar por um exame médico. Como éramos sobreviventes da bomba atômica, conversávamos sobre nossas preocupações. No entanto, devido a sua debilidade física, foi hospitalizado e embora tenha retornado ao local de trabalho, ele faleceu quando estava com 50 anos. Eu também estava constantemente preocupado com minha saúde, e acho que foi uma espécie de milagre o fato de eu estar vivo até agora. Eu trabalhei até a aposentadoria aos 55 anos.

● **Desejo de paz**

A razão porque decidi falar sobre a minha experiência do bombardeio atômico é que, como eu estou envelhecendo e já sinto meu enfraquecimento físico, o desejo de contar a geração mais jovem sobre minhas experiências se tornou cada vez mais forte. Os jovens de hoje não são forçados a ir ao campo de guerra como nos velhos tempos, e são livres para fazerem o que quiserem, mas quero que compreendam, um pouco que seja o que ocorreu há 64 anos atrás, um fato impensável nos dias de hoje, mas muitos jovens perderam suas vidas, e houve muito sofrimento.

Além disso, quero incentivar a geração mais jovem a prosseguir com as atividades de paz para a abolição das armas nucleares, de modo que, o que eu experimentei, nunca volte a acontecer de novo. Não seria nada agradável para ninguém ter uma experiência igual a que experimentei. Eu realmente gostaria de ver a abolição das armas nucleares, enquanto ainda estiver vivo.

As cicatrizes da guerra que nunca cicatrizam

Kyoko Fujie

● **Situação antes da bomba atômica**

Na época, eu estava na quarta série na Escola Primária de Ujina. Meu pai, que na época estava com 41 anos, tinha sido designado para a sede do exército e marinha, onde ficou a bordo de um navio militar no exterior por quase um ano e só voltava para nossa casa em Ujina-machi (atual Minami-ku, Hiroshima) uma vez a cada seis meses. Minha mãe, que tinha 31 anos na época, era parteira, e por isso, não importava o quão perigoso era continuar na cidade, não abandonava a cidade porque tinha pacientes para cuidar. Minha irmã mais nova que estava com 1 ano e 5 meses de idade, e minha avó de 80 anos de idade (do lado do meu pai) também moravam conosco. Nós também cuidávamos de um primo, porque o meu tio, que era gerente de um estaleiro na Coréia, queria que ele estudasse numa escola japonesa.

● **Memórias da evacuação das crianças da escola**

Por volta de abril de 1945, as crianças da 3ª até 6ª série da Escola Primária de Ujina tiveram que ser evacuadas. Separaram as crianças e enviaram à cidade de Miyoshi-cho, ao vilarejo Sakugi ou ao vilarejo Funo (atual cidade de Miyoshi) ao norte da província. Eu fui enviada para o Templo Jojun-ji em Miyoshi-cho.

Os alimentos no templo consistiam quase totalmente de soja. Serviam somente um pouco de arroz como se estivesse pegado à soja e inclusive os lanches também consistiam de soja. Num dado momento, um bolinho de arroz tinha desaparecido da lancheira do filho do sacerdote do templo que estava na escola ginásial. Os professores fizeram todos se sentarem na sala principal do templo e perguntaram: “Quem roubou o bolinho de arroz, confesse agora.”

Perto do templo, havia uma grande ponte chamada Tomoe com um santuário próximo a ela. Neste santuário, havia um grande pé de cereja que dava muitas cerejas. As crianças mais velhas subiam na árvore e pegavam as cerejas para comer. Eu não sabia de nada, mas as crianças mais velhas me chamaram e me disseram para ficar de pé, debaixo da árvore para vigiar. Assim, quando estava fazendo isso, um velho veio gritando e me pegou. Então, ele olhou para cima e gritou para as outras crianças: “Venham aqui!” e as crianças mais velhas também desceram da árvore. O velho estava segurando minha mão e eu estava chorando quando ele me perguntou de onde eu era. “Templo Jojun-ji”, eu disse, e ele me respondeu: “Então, ok” e soltou a minha mão. Então, o velho disse: “Eu plantei cebolas e outras verduras aqui em baixo. Se você pisa nas verduras, não poderão ser comidas. Você não pode fazer isso. Pare de chorar.” Naquela noite, o velho nos trouxe batatas-doces cozidas no vapor e outros alimentos para comer. Apesar do medo a princípio, ele foi realmente muito gentil,

pensei. Eu acho que ele pensou que era lamentável ter que roubar cerejas porque estávamos com muita fome.

As crianças da escola evacuada ocasionalmente recebiam doces enviados pelos seus pais. No entanto, nunca tivemos a oportunidade de prová-los. Minha mãe mandou-me doces feitos de soja, mas tudo isso foi confiscado pelos professores. De acordo com o que as crianças mais velhas, tudo isso provavelmente acabou nos estômagos dos professores.

Houve uma infestação de piolhos terrível. Espalhávamos jornais e penteávamos os cabelos em cima do jornal. Nós esmagávamos os piolhos que estavam pretos de chupar o sangue. Estendíamos as camisas para secar ao sol no terraço do templo.

● 6 de agosto

Exatamente uma semana antes do lançamento da bomba atômica, o meu pai tinha retornado do estrangeiro, então eu também voltei para casa para vê-lo. Era para eu voltar para a área de evacuação no dia 5 de agosto, mas não conseguimos comprar o bilhete para aquele dia, e ficou marcado para o dia 6.

Na manhã do dia 6 de agosto, a minha mãe foi para a estação ferroviária de Hiroshima carregando a minha irmã mais nova nas costas para despedir-me. Havia uma senhora do meu bairro que estava indo visitar seu neto que tinha sido evacuado para Miyoshi, por isso, subimos no trem juntas. Pegamos a linha Geibi e sentamos de costas para a direção que o trem que estava indo, ou seja em direção a Miyoshi. Quando estávamos prestes a entrar no primeiro túnel, vi três pára-quadras. Então, assim que entramos no túnel, de repente, houve a explosão da bomba.

Houve um enorme impacto e um som ensurdecedor ecoou em meus ouvidos. Como estava sentada, não me aconteceu nada, mas todos que estavam de pé, até mesmo os adultos, foram inclinados para trás e caíram. Eu não conseguia ouvir bem, como se meus ouvidos tivessem sido bloqueados com pedras.

Saindo do túnel, a fumaça da bomba atômica parecia incrivelmente bonita. A senhora e eu observamos, dizendo: “Oh, meu Deus, isso é incrível.” Como eu era apenas uma criança, não podia imaginar o que tinha acontecido em Hiroshima.

Quando chegamos em Miyoshi, a senhora me disse: “Na rádio estão dizendo que a cidade de Hiroshima foi completamente destruída.” No entanto, eu ainda não conseguia entender o que estava acontecendo, então ao meio-dia, fui à escola para carpir. Lá, pela primeira vez, um caminhão chegou à escola carregando vítimas da bomba atômica de Hiroshima. Como essas pessoas estavam gravemente queimadas, saiam uma após outra, fiquei muito chocada. Uma pessoa que tentava manter sua pele

do rosto com a palma da sua mão porque estava caída, uma mulher cujo peito estava completamente rasgado, e um homem que estava segurando uma vassoura de bambu de cabeça para baixo, utilizando-a como um bastão, enquanto ele cambaleava, eu ainda me lembro vividamente destas cenas como se fossem hoje. Mais do que ficar com medo, fiquei verdadeiramente assustada.

● **A experiência do bombardeio atômico da minha família**

Cerca de três dias depois do bombardeio atômico, recebi notícias, no templo, da minha família em Hiroshima. Então, no dia 12 ou 13 de agosto, voltei para Hiroshima de trem com um menino do bairro que estava na 6ª série, chamado Nobu-chan. Fui recebida por meu pai na estação de Hiroshima e com ele fomos à casa, caminhando ao longo de uma estrada que estava ao lado da montanha Hijiyama. Lembro-me que, quando caminhava, meu pai me contava como a família estava e me disse: “Nada vai crescer aqui novamente por uns 70 anos”.

Quando chegamos em casa, minha mãe estava envolta da cabeça aos pés nos lençóis. Ela estava enrolada nos lençóis para evitar que as larvas se reproduzissem, porque ela havia sofrido queimaduras em todo o corpo. Minha irmã mais nova sofreu queimaduras no rosto inteiro e suas queimaduras estavam pretas. Sua mão e seu pé também tinham sido terrivelmente queimados, e por isso também estava envolvida nos lençóis. Como era muito pequena, ela estava com medo da aparência da mãe e chorava o tempo todo.

Quando a bomba atômica foi lançada, a minha mãe e irmã estavam esperando um bonde na ponte Enko. Cerca de uma hora antes, quando a sirene de ataque aéreo soou, a minha mãe tinha emprestado o seu capuz de prevenção de ataques aéreos a uma senhora da vizinhança que tinha dito que havia esquecido do dela. Por essa razão, a minha mãe foi completamente banhada pela luz da bomba atômica. Minha irmã estava sendo carregada na parte de trás da minha mãe, e por isso ela sofreu queimaduras no pé e mão esquerdos e no rosto. A minha mãe desceu a minha irmã das suas costas e mergulhou-a várias vezes nas cisternas de prevenção de incêndios que havia ao longo do caminho e elas fugiram para se refugiar no pátio de manobras leste, atrás da estação de Hiroshima.

A minha avó estava em casa quando a bomba atômica foi lançada. Embora a casa não tenha sido queimada, foi severamente danificada.

O meu pai e meu primo passaram dois dias inteiros caminhando pela cidade em busca da minha mãe e irmã. Quando as encontraram, as queimaduras sofridas pela minha mãe tinham feito seu corpo inchar tanto que não poderia dizer se era uma mulher ou

homem. No dia 6 de agosto, a minha mãe tinha saído com a roupa confeccionada com a tela enviada pelo meu pai do exterior. A minha mãe tinha rasgado um pedacinho de roupa que tinha escapado por pouco de ser queimado e amarrou na mão da minha irmã como uma marca de identificação. Quando meu pai e meu primo estavam procurando por elas, minha irmã de um ano de idade percebeu meu primo e gritou para ele: “A-chan!”. Então, quando eles viram o pedaço de tecido na mão dela, sabiam que tinham encontrado as duas. Minha mãe disse: “Eu já não sobrevivo, leve somente a nossa filha para casa”, mas o meu pai colocou as duas numa grande carreta de mão e trouxe-as para casa.

● **A morte da minha mãe**

Minha mãe faleceu no dia 15 de agosto. Meu pai usou uma velha árvore para fazer um caixão simples sem tampa para cremar o corpo dela num terreno baldio atrás da nossa casa. Todo mundo usava este lugar para cremar os corpos, e todo este cheiro entrava para dentro da casa e era um odor insuportável.

Minha mãe pronunciou suas últimas palavras à minha avó: “Mãe, eu quero comer uma batata gigante”. Com a escassez de alimentos durante a guerra, a minha mãe trocava as roupas e vários itens por batatas e outros alimentos. Acho que a minha mãe comia as menores batatas daquelas que ela tinha conseguido trocar. As batatas pequenas têm um sabor muito amargo e hoje quase ninguém as come.

Para rezar pelo repouso da alma da minha mãe, sempre participo do Toro Nagashi (cerimônia na qual as lanternas de papel são colocadas sobre o rio para flutuarem). Eu sempre faço uma oferta de grandes batatas cozidas. Mesmo agora, quando vejo uma batata grande, eu penso em como gostaria de dar para a minha mãe comer.

● **Minha cidade depois da guerra**

Uma ampla área da margem do rio acima da Escola Primária de Ujina foi utilizada como um crematório. Os cadáveres eram enrolados simplesmente com lâminas de chapa de zinco ondulada e cremados no interior destas chapas. Abriam uma abertura nas chapas onduladas para a cabeça do cadáver. Nós, crianças, no caminho para a praia, passávamos nas proximidades onde eles cremavam os corpos. Às vezes eu pensava: “Ah, a cabeça está queimando agora.” Também cheguei a pisar em muitos ossos quando passava por lá. Eu acho que esta área foi utilizada como um crematório até a época quando estudava na 6ª série primária.

Após a guerra, a vida era realmente miserável, mas não era somente nós que passamos por isso, na época todo mundo passou pelas mesmas dificuldades.

● Minha irmã depois da guerra

Minha irmã, que estava com a minha mãe quando a bomba atômica foi lançada, salvou-se. Na época, as pessoas diziam que era um milagre uma criança pequena com a idade da minha irmã ter sobrevivido. Enquanto crescia, minha irmã ouvia sempre, “Que ótimo que você sobreviveu. Que bom que você está viva.”

No entanto, minha irmã ficou com quelóides terríveis em seu pé que acabou se deformando. Ela não podia usar sapatos, então usava sempre o *gueta* (tamancos japoneses). Naquela época, havia muitas pessoas que usavam *gueta*, por isso não teve grandes problemas em sua vida diária. No entanto, ela teve problemas quando havia excursões escolares ou gincanas esportivas porque nestes eventos, ela não podia usar *gueta*. Como não havia outra maneira, ela usava duas meias grossas de soldado.

Devido ao seu pé, minha irmã era horivelmente zombada. Na época, havia rumores de que as doenças decorrentes da exposição da bomba atômica eram contagiosas, e as pessoas apontavam para a minha irmã e diziam algo como: “Seus dedos estão apodrecendo”, ou “Se você chegar perto dela, vai pegar a sua doença”. Até mesmo passados vários anos após o lançamento da bomba atômica, quando ela ia para a escola primária, era tratada como uma espécie de espetáculo e as pessoas vinham de longe para olhá-la.

No entanto, a minha irmã nunca disse nada nem para mim, nem para nossa avó, que era tratada desta maneira pelas pessoas. Ela não reclamava da sua dor e apenas dizia: “Vovó, foi realmente bom eu ter sobrevivido, não é mesmo?” Como ela ouvia estas palavras desde criança, parecia que tentava pensar que “Foi ótimo ter sobrevivido. Mesmo que tenha sofrido estas queimaduras, é bom estar viva.” Recentemente, eu li as anotações pessoais da minha irmã. Dentro das anotações, vi que ela tinha escrito: “Naquele tempo, pensava que teria sido melhor morrer”, fazendo-me pensar mais uma vez quão terrivelmente difícil deve ter sido para ela.

Como haviam nos informado que ela só poderia passar pela cirurgia do seu pé quando tivesse 15 anos completos, durante as férias de verão no colegial, ela finalmente poderia passar pela cirurgia que esperava por um longo tempo. Minha irmã estava realmente ansiosa porque ela sempre dizia que queria usar sapatos quando entrasse na escola colegial. No entanto, apesar de tudo, ela não pôde usar sapatos. Embora eles tivessem transplantado a pele do abdômen e das nádegas para tentar corrigir a deformidade do pé, a pele transplantada ficou preta e seu dedo mínimo se deslocou cerca de 3 cm. Antes da operação, a minha irmã dizia: “Eu vou poder calçar normalmente os sapatos esportivos”, mas mesmo agora, passados 65 anos, ela ainda não pode usar sapatos normalmente.

Como seu dedo mínimo esfregava nos sapatos e começava a doer, ela usava sapatos esportivos, abrindo um orifício no sapato, mas o dedo do pé raspava no orifício, e causava feridas. Quase nunca houve um dia que seu pé não sangrasse. Pensando no desconforto que as outras pessoas sentiam quando viam seus sapatos com sangue, ela pintava o local com creme dental.

Quando minha irmã ficou internada no Hospital das Vítimas da Bomba Atômica, ela conheceu o Dr. Tomin Harada e ele lhe disse: “Se você tiver algo que queira se consultar, não hesite em falar comigo”. Quando ela concluiu a escola colegial, ela procurou o Dr. Harada, e ele a apresentou a um pastor japonês que morava em Los Angeles. Naquela época, como nosso pai tinha falecido antes da minha irmã entrar na escola colegial, o dinheiro em casa estava curto. Um professor da escola colegial, apresentou um trabalho de tempo parcial para minha irmã e ela trabalhou aí até completar 20 anos de idade, quando ela já tinha conseguido economizar o suficiente para comprar um bilhete de ida para os Estados Unidos, ela partiu para aquele país.

Ela ficou aos cuidados do pastor e trabalhava numa lavanderia para se manter. Eu acho que ela passou por alguns momentos difíceis, mas ela se esforçou e hoje vive em Los Angeles. Embora ela achasse que nunca poderia se casar, ela se casou com um japonês nos Estados Unidos e foram abençoados com três filhos.

● **Acontecimento em Osaka**

Cerca de uma semana depois da cirurgia da minha irmã, fui visitar uma amiga que vive em Osaka. Minha irmã me disse: “Meu estado já está estável, vá visitar sua amiga em Osaka”.

Eu viajei de expresso local e cheguei à noite, mas como não sabia onde era a casa da minha amiga, parei num posto policial para perguntar. Era um policial jovem e foi muito gentil, acompanhando-me durante quase uma hora, buscando o endereço. Quando encontramos a casa dela, eu disse ao policial: “Muito obrigada. Você foi muito atencioso”. Ele, então, me perguntou de onde eu era, e lhe respondi dizendo que era de Hiroshima. De repente, ele deu um passo para trás e me disse: “A cidade de Hiroshima, atingida pela bomba atômica?” Eu respondi: “Sim”, ao que ele respondeu: “Uma mulher de Hiroshima ... que desagradável para mim, uma mulher de Hiroshima que foi exposta à bomba atômica”. Ele dizia isso com uma expressão como se fosse pegar alguma doença de mim. Até aquele momento, eu não pensava muito sobre a exposição à bomba atômica, por isso, fiquei realmente chocada com esse incidente.

Eu não comentei este fato com a minha irmã. Eu conversei sobre isso com minha

amiga de Osaka, mas ela me disse: “Apesar de tudo não deve dizer nada a sua irmã sobre isso porque vai fazê-la sentir terrível.” Depois disso, eu decidi que não iria contar a ninguém que eu era de Hiroshima.

● **Incidente numa loja de roupas**

Este incidente remonta umas décadas atrás, quando eu estava ajudando uma cliente numa loja de roupas. Uma pessoa que não conhecia, de repente me disse o nome da minha irmã e perguntou-me se eu era a sua irmã mais velha. “Sim, isso mesmo. Por quê? Você a conhece?” Eu perguntei a ela. Essa pessoa vivia em Furue, e percebi que naquele tempo, a fofoca sobre a minha irmã tinha ido longe.

Devido a este incidente, o acontecimento em Osaka e vários outros incidentes, estava a favor de que minha irmã fosse para os Estados Unidos. Eu pensei que se ela quisesse se livrar dos maltratos e discriminação no Japão, ir para uma terra onde ninguém sabia nada sobre ela, minha irmã provavelmente encontraria a felicidade lá.

● **Desejo de paz**

Eu acho que as pessoas que não tenham experimentado um bombardeio atômico, não conseguem entender a dor dos sobreviventes. Quando uma pessoa corta o próprio dedo, pode sentir pela primeira vez a dor, mas se não se cortar não entenderá a dor de alguém que tenha se cortado. Por essa razão, eu acho difícil transmitir o que é a experiência de um bombardeio atômico.

A guerra é uma ferida do fundo dos nossos corações. As feridas não são só externas, muitas outras feridas também permanecem, e mesmo depois de décadas, essas feridas ainda doem. Minha irmã odeia falar sobre a guerra e a bomba atômica de tal forma que, desde que ela era pequena, quando conversávamos sobre isso, ela se levantava e não participava da conversa. Depois de se mudar para os Estados Unidos, ela continua a usar meias grossas para esconder suas feridas e vive sem comentar absolutamente nada sobre a bomba atômica.

As guerras devem ser completamente abolidas.

Eu vi o inferno

Kimiko Kuwabara

● A vida antes do bombardeio atômico

Naquela época, eu tinha 17 anos e morava com minha mãe e minha irmã mais velha em Misasa-honmachi 3-chome na cidade de Hiroshima (atual Nishi-ku). Meu pai tinha falecido, e embora tivesse três irmãos mais velhos, o primogênito tinha se casado e se mudado de casa, e os meus outros dois irmãos tinham sido convocados e estavam na província de Yamaguchi.

Eu trabalhava na Estação Central de Radiodifusão de Hiroshima, na Seção de Assuntos Gerais. A estação de radiodifusão se localizava em Kami-Nagarekawa-cho (atual Nobori-cho, Naka-ku), e a área em volta tinha se tornado numa praça aberta devido às casas que estavam sendo evacuadas e demolidas. Lembro-me que a estação transmitia uma série de notícias relacionadas às forças militares, e que as janelas haviam sido reforçadas para proteção contra os ataques aéreos.

● 6 de agosto

Na manhã daquele dia, o alerta de ataque aéreo tinha sido emitido, por isso não podia sair de casa, e estava atrasada para o trabalho. O alerta foi cancelado e eu comecei a trabalhar por volta das 8 horas da manhã. Como sempre, meus colegas e eu começamos a limpar o escritório de acordo com nossas responsabilidades. Quando entrei na sala do gerente da estação, ouvi uma mulher no pátio dizer: “Há um B-29 sobrevoando aqui!” Eu fiquei curiosa, e quando estava me aproximando da janela, de repente, vi um flash brilhante fora da janela. O flash era vermelho, e a luz era igual à luz que é gerada no momento em que se risca um fósforo, mas foi muito mais intenso. Imediatamente, cobri meus olhos e ouvidos com as mãos e me agachei ali mesmo. Isso foi o que, na época, haviam nos ensinado a fazer se houvesse uma explosão de bomba. Na escuridão, parecia que estava num estado de ausência de peso, com uma sensação crepitante se espalhando por todo meu corpo. Não que isso fosse doloroso, mas foi uma sensação tão estranha que pensei que estava morrendo. Na hora não tinha percebido, mas a explosão tinha quebrado o vidro das janelas em pedaços muito pequenos e os fragmentos estavam presos no meu rosto e no meu braço esquerdo, deixando o meu corpo coberto de sangue. Mesmo agora, ainda há cacos de vidros encrustados na minha face esquerda.

Fiquei parada por um momento, e em seguida, ouvi vozes no corredor. A sala estava escura como breu e não conseguia ver nada. No entanto, pensei que deveria sair de lá, então tentei avançar em direção às vozes no corredor e corri para a parte de trás de um homem. Então, pensei: “Devo escapar com este homem... ainda estou viva”. E segurando firmemente seu cinto, caminhava atrás dele, até que finalmente chegamos

perto da saída. As pessoas tinham se reunido perto da saída onde abrimos a pesada porta e conseguimos sair. Estava escuro como a madrugada, e tudo que havia, tinha sido queimado e estava caindo do céu. Ao olhar para as pessoas que tinham saído da estação, seus rostos estavam pretos como breu, seus cabelos estavam eriçados, estavam manchados de sangue, e suas roupas estavam em frangalhos. As pessoas estavam irreconhecíveis até ouvirmos as suas vozes.

Pensamos que a estação tinha sido alvo e terrivelmente danificada pelo bombardeio. Como a estação estava próxima ao edifício Chugoku Shimbun, onde funcionava o sub-escritório de assinaturas da estação, eu e mais duas ou três mulheres da mesma Seção de Assuntos Gerais, saímos do local. Foi quando percebi pela primeira vez que não era apenas a estação que tinha sido danificada. Todos os edifícios circundantes tinham sido completamente destruídos, e havia incêndios por todos os lados. Havia chamas fortes vindas das janelas do sub-escritório que ficava no quinto e sexto andar do edifício Chugoku Shimbun. Por essa razão, fugimos para o Jardim Shukkeien que ficava próximo à estação. Enquanto as chamas cresciam perto, podia-se ouvir os gritos de pessoas presas sob as casas destruídas e de pessoas à procura de familiares, mas estava tão desesperada para fugir que não podia fazer nada para ajudá-las.

Um grande número de pessoas havia se refugiado no Jardim Shukkeien. Atravessamos a ponte sobre o lago do parque e chegamos à margem do rio Kyobashi. As árvores do parque começaram a arder e as chamas começaram a se aproximar progressivamente à margem do rio onde estávamos, até que finalmente um pinheiro alto perto do rio começou a se queimar com um rugido enorme. Nós pulamos no rio e enquanto observávamos a cena a nossa volta com a água até a altura do peito, Ohsuga-cho, localizado no lado oposto, se incendiou e as faíscas das chamas começaram a cair sobre nós. O calor era intenso e o fogo se espalhava na margem oposta e atrás de nós, assim passamos o tempo até a noite, entrando e saindo do rio várias vezes.

Muitas pessoas estavam fugindo para as margens do rio e a multidão era tanta que não havia lugar onde se podia sentar. O exército estava instalado nas proximidades, e por isso havia muitos soldados ao nosso redor e como usavam bonés, seus cabelos restantes tinham a forma de prato, enquanto seus corpos tinham sido completamente queimados e se contorciam de dor. Havia uma mãe que apenas ficou em silêncio segurando seu bebê, a metade superior de seu corpo estava em frangalhos e eu pensei que o bebê provavelmente já tinha morrido.

Podia-se ouvir as pessoas que foram queimadas e feridas, pedindo incessantemente: “Dá-me água, dá-me água!” e algumas outras me disseram: “Você não deve beber

água.” Havia um grande número de pessoas que, gravemente queimadas e incapazes de suportar a dor, pularam no rio. A maioria das pessoas que saltaram para o rio, não voltaram à superfície vivas, mas foram levadas pela corrente. Os cadáveres foram arrastados pelo rio enchendo a largura do rio. Inclusive, quando estávamos no rio, os corpos mortos flutuavam e vinham em nossa direção, por isso empurrávamos com as mãos para que pudessem continuar flutuando rio abaixo. Na época, não senti qualquer medo porque ainda estava lutando para viver. Estava assistindo a uma cena mais miserável do que qualquer outra pintura do inferno.

O fogo estava tão intenso que não se podia mover a nenhuma parte, e assim passamos o dia inteiro na margem do Jardim Shukkeien. Quase no por do sol, um pequeno bote de resgate veio buscar os empregados da estação. O pessoal da estação decidiu ir ao posto de socorro no campo de treinamento leste, e o pequeno bote nos levou à margem do lado oposto do rio. Eu estava preocupada com a minha mãe, que estava sozinha em casa, e por isso disse a eles que queria voltar para casa sem passar no posto de socorro. E logo um companheiro de trabalho me disse: “Não seja tonta. É muito perigoso voltar à cidade”, e à força me conteve. Como minha casa se localizava em Misasa-honmachi, na parte oeste da cidade de Hiroshima, teria que passar pelo centro da cidade, que estava em chamas para chegar à minha casa. Todos se opuseram a mim, assim, mesmo relutante, tive que acompanhá-los, mas assim que tive uma chance, afastei-me deles. Ouvi as vozes das pessoas que perceberam que as tinha deixado, mas eu só disse: “Sinto muito” e fui para casa sozinha.

● O caminho para casa

Depois de deixar meus colegas de trabalho, cheguei no lugar onde a ponte Tokiwa cruza o rio Kyobashi. Uma multidão de feridos vindos de Hakushima do lado oeste da ponte, atravessavam a ponte sucessivamente, mas não havia ninguém indo à direção oposta. Então, encontrei dois trabalhadores ferroviários que queriam atravessar a ponte. Eles estavam a caminho da estação ferroviária de Yokogawa, então pedi para me levar com eles, mas eles se recusaram, dizendo: “Nós não sabemos se podemos ou não chegar até lá, de modo que não podemos levá-la conosco. Vá até a um posto de socorro”. No entanto, não me dei por vencida, e simplesmente seguia secretamente a uma distância de quatro a cinco metros atrás deles. A medida que avançávamos através das chamas, às vezes eles se voltavam para trás, mas eu também parava e voltava a caminhar atrás deles. Como seguia-os sem cessar, finalmente cederam e disseram: “Está bem, pode vir. Caminhe por onde caminarmos”. Eles me apontavam os lugares perigosos ao longo do caminho.

Evitando as chamas, passamos pelo Hospital da Agência de Serviços Postais e chegamos à ponte Misasa. Havia filas de soldados feridos sentados em ambos lados da ponte, de modo que não havia espaço para caminhar. Provavelmente, eram soldados da 104ª Unidade de Chugoku, instalada nas proximidades e todos eles estavam gemendo de dor. De alguma forma, cruzamos a ponte, procurando não pisar nos soldados feridos, e chegamos nos trilhos de trem e andamos ao longo deles até chegar à estação ferroviária de Yokogawa. Eu, então, separei-me dos trabalhadores ferroviários, e lembro-me que me disseram: “Tenha cuidado no caminho para casa.”

● Reencontro com minha mãe

Eu caminhava sozinha em direção à minha casa em Misasa. Embora já estivesse escuro ao redor, ambos lados da estrada ainda estavam em chamas. Em lugares onde o fogo era mais intenso, tive que passar por meio das chamas. Para chegar à casa, de Yokogawa, passei por Misasa e tomei um caminho em direção norte, até que finalmente cheguei em casa. Embora minha casa já tivesse sido queimada, vi minha mãe em pé na rua próxima. Estava tão feliz de vê-la viva que a abracei e nós duas começamos a chorar.

Minha mãe estava sentada em frente à penteadeira que ficava no segundo andar da nossa casa quando a bomba atômica foi lançada. Embora os quartos do segundo andar tivessem desabado para dentro, minha mãe estava num quarto de canto, de modo que de alguma forma não caiu. Como as escadas estavam impossíveis de serem utilizadas, alguém colocou uma escada para ela, e ela pode descer dali.

A casa permaneceu destruída durante toda a manhã, mas como as chamas cresciam lentamente e estavam cada vez mais próximas, finalmente se incendiou à tarde. Diante da casa queimada, minha mãe só pôde tirar os edredons, jogando-os para fora, mas estes edredons foram usados pelas pessoas que fugiam, que colocavam na cabeça, levando-os embora. Um refúgio contra ataques aéreos tinha sido escavado no pátio da nossa casa, e tínhamos colocado uns objetos de valor como kimonos, mas as chamas atingiram e queimaram este lugar também. Minha mãe tinha carregado vários baldes de água do córrego que havia em frente da nossa casa para apagar o fogo e apesar de ter cavado o abrigo rapidamente, quase todos os objetos haviam sido queimados. Embora os vizinhos tenham recomendado que ela fugisse para Mitaki, ela estava preocupada comigo e com minha irmã, por isso ela fugiu para o outro lado da casa, onde havia uma horta e ficou esperando eu e minha irmã voltarmos para casa.

Naquela noite, minha mãe e eu acampamos no meio da horta. As pessoas fugiam ao longo da rua que ficava em frente à nossa casa durante toda a noite, enquanto as

peessoas de resgate e socorro também iam e viam constantemente. Só pude observar esta cena, perguntando-me o que iria acontecer conosco. No meio da noite, o pessoal de socorro nos deu alguns bolinhos de arroz para comer, e justamente quando o sono estava se desvanecendo, o sol começou a surgir.

● Procurando a minha irmã

Embora o fluxo de pessoas não cessasse no dia 7, minha irmã Emiko não retornou à casa. Minha mãe estava preocupada com ela, e chorava: “O que aconteceu com ela? Será que ela morreu ...”. Eu não podia suportar ver minha mãe assim, então no dia seguinte, no dia 8, saí com um amigo da minha irmã da vizinhança para procurá-la. Mais uma vez, presenciei as cenas de um inferno.

Minha irmã trabalhava na Companhia Telefônica de Hiroshima em Shimonakan-cho (atual Fukuro-machi, Naka-ku). Eu fui de Yokogawa, passando por Tokaichi-machi (atual Tokaichi-machi 1 chome, Naka-ku) e me orientava pela rota do bonde. Ainda não tinham limpado os destroços queimados, mas como a linha era ampla, pude passar por ela. A cidade estava cheia de cadáveres, por isso tinha que ter cuidado para não pisar em nenhum. Perto de Tera-machi (atual Naka-ku), vi um cavalo morto que estava todo inchado. Cerca de Tokaichi-machi, havia uma pessoa que estava de pé, com o corpo imóvel, queimado e com as duas mãos estendidas. Eu achei estranho, mas quando olhei mais de perto, percebi que a pessoa tinha morrido de pé, assim. Aqui e ali, eu via muitas pessoas que tinham mergulhado suas cabeças nas cisternas de prevenção de incêndios, e seus corpos mortos jaziam um sobre o outro, num montão. As bordas das ruas estavam cheias de cadáveres, enquanto que no meio delas, havia pessoas que respiravam, outras que gemiam, e algumas que pediam: “Água, água”. Não havia ninguém saudável. As roupas estavam queimadas, seus corpos também tinham sido queimados e estavam inchados com aspecto de bonecos negros de carvão. Pensei que minha irmã também jazia em algum lugar no meio desta confusão, se assim fosse, nunca seria capaz de encontrá-la. Passando por cima dos cadáveres, atravessei a Ponte Aioi e chegamos a Kamiya-cho (atual Naka-ku), mas não conseguimos chegar mais longe, assim voltamos para Misasa. Pensei que minha irmã não poderia estar viva dadas a estas condições.

Felizmente, minha irmã voltou para casa uma semana depois do bombardeio atômico. Apesar de ser gravemente ferida na Companhia Telefônica de Hiroshima pelo bombardeio, ela fugiu para a Montanha Hijiyama e, em seguida, foi levada para o posto de socorro em Kaitaichi-cho, Aki-gun (atual Kaita-cho), a fim de receber os cuidados médicos. Ela passou uma semana ali quando soube que um caminhão estava

indo à cidade de Hiroshima para prestar socorro, ela pediu para levá-la com eles. Embora eles tivessem se recusado, dizendo que não poderiam levar uma pessoa gravemente ferida no caminhão, ela tinha decidido chegar em casa, e quando viu uma oportunidade, ela pulou na traseira do caminhão e assim a levaram até Tokaichi-machi. As roupas da minha irmã, que tinha caminhado todo o trajeto desde Tokaichi-machi, estavam em frangalhos, e ela estava coberta de sangue, calçando sapatos diferentes em cada pé. Se alguém que não soubesse o que tinha acontecido visse o estado dela, pensaria que ela não era uma pessoa sã. Como nossa casa tinha se incendiado, uma amiga da minha mãe deixou que minha irmã dormisse no canto da casa dela. Depois disso, ela ficou confinada à cama, ficando entre a vida e a morte.

● **Cuidando da minha irmã**

Cacos de vidro estavam espetados nas suas costas e os braços estavam em carne viva, com lesões expostas que pareciam uma romã. Todos os dias, eu extraía os cacos de vidro das suas costas, mas estavam criando larvas em suas feridas. A filha da mulher, cuja casa minha irmã estava alojada, tinha falecido no bombardeio atômico, e isso nos preocupava porque parecia que estávamos incomodando, e por isso voltamos às ruínas queimadas da nossa casa. Meu irmão primogênito veio, juntou as madeiras queimadas para construir-nos um pequeno abrigo para nos proteger das chuvas, e assim, mudamos para lá para continuar cuidando da minha irmã. Como minha irmã estava de cama, não podíamos levá-la ao posto de socorro, assim que as pessoas próximas compartilhavam um pouco de unguento conosco mas não foi suficiente para curá-la completamente. Seus cabelos tinham caído completamente e ela cuspiam sangue, fazendo-nos pensar muitas vezes que ela estava perto do fim. Minha mãe ia todos os dias para as montanhas para pegar umas folhas de *dokudami* (um tipo de erva japonesa), fervia as folhas ainda verdes e dava para minha irmã e para mim tomarmos. Este chá de folhas verdes tinha um cheiro forte, mas minha mãe dizia que funcionaria como um antídoto. Não sei se fez efeito, mas depois de uns três meses incapacitada a ficar de pé, minha irmã começou a se recuperar e, mais tarde voltou a trabalhar. Ela usou um chapéu e um lenço para esconder sua cabeça até o cabelo voltar a crescer. As cicatrizes de seus ferimentos permaneceram, e por isso ela nunca usava roupas sem mangas, e ainda hoje, as reentrâncias permanecem em seu braço afetado.

● **A vida depois da guerra**

Eu fiquei sabendo sobre o fim da guerra por outras pessoas. Mesmo ouvindo que a

guerra tinha terminado, não conseguia acreditar. Quando eu era criança, nós fomos ensinados que o Japão nunca poderia perder e eu acreditava plenamente nisso. Na estação que trabalhava também havia comentários, mas apenas falavam sobre ganhar, e não falavam nem uma palavra sobre perder. No entanto, quando soube que a bomba atômica tinha sido lançada também em Nagasaki, se fosse para sermos atacados com bombas como esta muitas vezes, eu pensei que foi melhor a guerra acabar.

Como o edifício em Kami-Nagarekawa-cho não podia ser utilizado, a estação foi transferida para Toyo Industries Co. Em Fuchu-cho, Aki-gun. Como tinha que cuidar da minha irmã, e também teria que me deslocar de trem, pois a Toyo Industries era longe, e tinha ouvido rumores de que as forças de ocupação que tinham chegado poderiam ultrajar as mulheres, deixei o meu emprego na estação. Depois, trabalhei durante um ano numa empresa perto e um ex-professor me apresentou uma outra empresa, onde trabalhei até me casar.

Embora eu tivesse caminhado em Hiroshima nos dias 6 e 8 de agosto, nunca sofri qualquer doença grave decorrente da bomba atômica. Mesmo que tivessem me dito que uma doença poderia se manifestar a qualquer momento, nunca falei sobre minhas inseguranças em relação às doenças. Se ficasse doente, então teria que lidar com isso. Mais do que isso, eu sempre pensava sobre o que faria no futuro.

● Desejo de paz

Até agora, não tinha vontade de falar sobre o bombardeio atômico. Embora eu me dirija todos os anos ao Cenotáfio em honra às vítimas da bomba atômica, nunca mais voltei ao Jardim Shukkeien, local para onde fugi no dia 6 de agosto. O Jardim Shukkeien de agora é um parque lindo, mas se eu ver a ponte redonda que atravessa a lagoa, com certeza vou lembrar do horror daquele dia, e por isso não quero voltar lá. Se me lembro, começo a chorar e as palavras ficam presas na minha garganta.

Muitas pessoas expostas à bomba atômica já faleceram, por isso há poucas que ainda podem testemunhar sobre isso. Embora, eu também esteja envelhecendo, quero falar sobre as cenas do inferno que ainda estão nítidas em minha memória e compartilhar minhas experiências com os jovens para que as armas nucleares nunca mais sejam utilizadas. Meu neto na escola primária demonstra interesse por guerra e paz, e chegou a me perguntar: “Vovó, a senhora foi vítima da bomba atômica?” Eu realmente espero que possamos criar um mundo onde ninguém passe novamente por tais dificuldades.

Título	Projeto Literário Subsidiado “Coletânea de Depoimentos de Vítimas da Bomba Atômica”
Edição	2ª Edição
Data da Publicação	31 março 2013
Redação	Fundação Cultural pela Paz de Hiroshima
Publicação	Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-Estar 1-2-2, Kasumigaseki, Chiyoda-ku, Tokyo +81-3-5253-1111
